



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**KARINE DOS ANJOS SANTOS**

**CINEMA E EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS  
CORPORAIS DE AVENTURA**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



KARINE DOS ANJOS SANTOS

“CINEMA E EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS CORPORAIS DE  
AVENTURA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 27.07.2023

---

Prof. Dr. Fabio Zoboli (Orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

*Sérgio Dorenski*

---

Prof. Dr. Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro (Co-orientador)  
Universidade Federal de Sergipe / UFS

---

Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba  
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

---

Prof.ª Dr.ª Cássia Hack  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal do Amapá / UNIFAP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237c Santos, Karine dos Anjos.  
Cinema e educação : um olhar para as práticas corporais de aventura / Karine dos Anjos Santos ; orientador Fabio Zoboli. – São Cristóvão, SE, 2023.  
112 f.: il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Educação. 2. Cinema na educação. 3. Educação física. 4. Estética. I. Zoboli, Fabio, orient. II. Título.

CDU 37.016:791

## AGRADECIMENTOS

Aqui encerro mais um ciclo e mais uma caminhada percorrida. Não posso deixar de agradecer aos que sempre me apoiaram e estiveram comigo durante esse percurso.

A DEUS, primeiramente, por me iluminar durante toda essa jornada desafiadora e intensa. Agradeço com a mesma intensidade a meus pais Adenilze e Gileno que me apoiam em tudo que faço.

Aos meus irmãos e meus cunhados que me deram forças e que compreenderam minha ausência nas horas intensivas de estudo, em especial, a Acassia que sempre me incentiva nos estudos e me auxilia nos momentos difíceis. Aos meus sobrinhos Henrique, Melissa, Levi e Elvin, obrigado por me descontraírem nos momentos cansativos.

Ao meu marido Marcelo pelo apoio e paciência, principalmente nos dias de estresse e cansaço. Ao meu filho João, que me acompanhou em boa parte do percurso dentro do meu ventre e hoje pode presenciar esse momento importante em nossas vidas. Te amo mais que tudo filho.

Ao meu orientador, Zoboli, por acreditar no meu potencial, e ao meu co-orientador, Sergio Dorenski, que dedicou por todo esse tempo muita paciência e troca de conhecimento. Obrigada por embarcar comigo nessa jornada desafiadora, você é minha inspiração profissional.

Aos meus amigos do OME - Observatório de Mídia Esportiva-UFS, que me acompanharam durante a construção e desenvolvimento desta pesquisa, sempre dispostos a me auxiliar com os famosos “pitacos” e me acolher nos percursos acadêmicos.

Aos meus amigos do PPGED/UFS, que dividiram comigo mais uma etapa de conhecimento e aprendizagem. Em especial minhas amigas Tatiane, Thaise e Perolina, obrigada pelo apoio e incentivo meninas.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte, direta e indiretamente, desta história. Como diria Clarice Lispector, “quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe”.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”.*

(PAULO FREIRE)

## **RESUMO:**

A Educação Física, como componente curricular, deve colaborar para a educação humanizada dos estudantes, contribuindo para a percepção de diferentes temas e contextos. Para isso, a diversificação de linguagens e modos de se trabalhar em sala de aula, se faz necessária. Dessa forma, enfatizamos que o uso de filmes, nesse componente, abre caminhos para o diálogo entre professores e alunos, que podem interagir a partir de suas percepções de mundo. Com isso, o cinema amplia as possibilidades de se trabalhar nas aulas de Educação Física, que tradicionalmente, ocupa-se com a estética corporal. Sendo assim, levantamos o seguinte questionamento: quais as possibilidades de trabalhar as práticas corporais de aventura, buscando a relação do corpo e da educação por meio da linguagem do cinema? A partir deste questionamento, que considera o cinema como uma prática cultural humana, o objetivo geral deste estudo consistiu em analisar como as práticas corporais de aventura, por meio do cinema, potencializam a educação escolar. A relevância deste trabalho consiste em realizar uma educação que associe as práticas corporais e o cinema como possibilidade de prática pedagógica. Deste modo, elencamos aspectos do filme que deem sustentação a uma concepção de educação enraizada em uma contextualização histórico-social. Dessa forma, selecionamos dois filmes: “Soul Surfer - Coragem de Viver” e “Uma Skatista Radical”. Do primeiro filme, exploramos o surfe, e do segundo o skate. Tais práticas foram escolhidas por se tratar de práticas corporais em ambientes distintos (prática corporal de aventura na natureza e na cidade) o que engloba os tipos de Práticas Corporais de Aventura apresentadas na Base Nacional Comum Curricular do Brasil. Metodologicamente, trata-se de um estudo de natureza qualitativa, o método utilizado foi o de análise temática, no nosso caso, focamos nas cenas dos filmes que se vinculam às práticas corporais de aventura, especificamente as que contemplam o uso dos equipamentos de segurança, como também as que trouxeram a realização dos movimentos fundamentais dos esportes. A análise também considera a dimensão humanizada que o cinema proporciona com especial atenção para diferenças socioeconômicas, correlação do homem e a natureza e questão de gênero que os filmes apresentam. Neste sentido, exploramos as práticas corporais de aventura e o cinema, como forma de ampliação de possibilidades do trabalho em sala de aula, uma vez que nem sempre a escola fornece estrutura para que o professor possa explorar as mais variadas práticas corporais em ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas corporais de aventura, Cinema, Educação.

**ABSTRACT:**

Physical Education, as a school component, should contribute to the humanized education of students, contributing to the perception of different themes and contexts. For this, the diversification of languages and ways of working in the classroom is necessary. Thus, we emphasize that the use of films, in this component, opens the way for dialogue between teachers and students, who can interact based on their perceptions of the world. With this, cinema expands the possibilities of working in Physical Education classes, which traditionally deal with body aesthetics. Therefore, we raise the following question: what are the possibilities of working with adventure body practices, seeking the relationship between the body and education through the language of cinema? From this questioning, which considers cinema as a human cultural practice, the general objective of this study was to analyze how the corporal practices of adventure, through cinema, potentiate school education. The relevance of this work is to carry out an education that associates bodily practices and cinema as a possibility of pedagogical practice. In this way, we list aspects of the film that support a conception of education rooted in a historical-social context. In this way, we selected two films “*Soul Surfer – Coragem de viver*” and “*Uma Skater Radical*”. From the first film we explored surfing and from the second, skateboarding, such practices were chosen because they are body practices in different environments (body practice of adventure in nature and in the city) which encompasses the types of Body Practices of Adventure presented in the “*Base Nacional Comum Curricular*” of Brazil. Methodologically, the study is of a qualitative nature, the method used was thematic analysis, in our case, we focused on the scenes of the films that are linked to the corporal practices of adventure, specifically those that contemplate the use of safety equipment, as well as those that brought about the realization of the fundamental movements of sports. The analysis also considers the humanized dimension that cinema provides with special attention to socioeconomic differences, the correlation of man and the nature and gender issue that films present. In this sense, we explored adventure corporal practices and cinema, as a way of expanding the possibilities of working in the classroom, since the school does not always provide structure for the teacher to explore the most varied corporal practices in the school environment.

**KEYWORDS:** Adventure corporal practices, Cinema, Education

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cartaz do filme "Uma skatista radical" .....	56
Figura 2: Cartaz do filme "Soul Surfer - Coragem de Viver" .....	59
Figura 3: Jéssica vê o carrinho de rolimã .....	65
Figura 4: Prerna se equilibra no carrinho de rolimã .....	66
Figura 5: Erik ensina movimentos fundamentais do <i>skate</i> .....	67
Figura 6: Prerna assiste manobras de <i>skate</i> .....	68
Figura 7: Erick ensina manobras mais elaboradas.....	69
Figura 8: Melina faz movimentos de cavada e <i>snapcraft</i> .....	70
Figura 9: Bethany faz o movimento <i>snapcraft</i> .....	71
Figura 10: Bethany passa por adaptação após a perda de um dos braços .....	72
Figura 11: A família de Bethany assiste aos vídeos gravados durante seus treinos .....	73
Figura 12: Malina durante o campeonato .....	73
Figura 13: Bethany ensina movimentos do surfe .....	74
Figura 14: Bethany retoma a empolgação pela prática do surfe.....	75
Figura 15: Conversa sobre os cuidados com o corpo e a conexão com a natureza. ....	76
Figura 16: Bethany em conexão com a natureza .....	76
Figura 17: Bethany pega o tubo perfeito .....	77
Figura 18: Montagem dos equipamentos.....	81
Figura 19: Skatistas pelas ruas da cidade .....	82
Figura 20: Prerna com medo do <i>skate</i> .....	83
Figura 21: Prerna machucada .....	84
Figura 22: Campeonato final do <i>skate</i> .....	85
Figura 23: Rede social Desert Dolphin Skatepark.....	86
Figura 24: Momento de alegria das atletas ao serem informadas sobre o patrocínio.....	87
Figura 25: Bethany ver uma luz no final do túnel, após acidente .....	88
Figura 26: Alana faz fotos para a <i>Rip Curl</i> .....	89
Figura 27: Bethany busca equilíbrio na prancha .....	90
Figura 28: Diferentes tipos de prancha.....	91
Figura 29: O pai de faz adaptações na prancha de sua filha.....	91
Figura 30: Identificação das competidoras de surfe .....	93
Figura 31: As crianças praticam skate pelas ruas .....	95
Figura 32: Jéssica é questionada sobre a legalidade de sua estadia.....	96

Figura 33: Jéssica conversa com Maharani .....	97
Figura 34: Isso é “coisa de menino” .....	98
Figura 35: Prerna deve casar .....	99
Figura 36: Prerna foge do casamento .....	100
Figura 37: Competição de surfe e participação da população local .....	101
Figura 38: Bethany e os irmãos pontuam o desempenho de seus pais no surfe .....	102

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trabalhos relacionados às práticas corporais de aventura e cinema .....	25
Quadro 2: Filmes prévios encontrados .....	51
Quadro 3: Cenas com os movimentos fundamentais do surfe e do skate.....	62
Quadro 4: Cenas relacionadas aos equipamentos de segurança .....	78
Quadro 5: Manifestações culturais e questões de gênero nos filmes analisados.....	94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LGBTQIAP+- Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Travesti e Transexuais, *Queer*, Intersexual, Assexual, Pansexual, + (demais denominações)

PCA - Práticas Corporais de Aventura

PCD - Pessoa Com Deficiência

RIUFS - Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe

UFS - Universidade Federal de Sergipe

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	13
1.1.DA APRESENTAÇÃO DO TEMA À CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	14
1.2.JUSTIFICATIVA	21
1.3.DOS OBJETIVOS DA PESQUISA	26
<b>2. EDUCAÇÃO, CORPO E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.</b>	28
2.1.EDUCAÇÃO E CORPO	28
2.2.(RE)SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS	30
2.3.PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	32
<b>3. CINEMA E EDUCAÇÃO</b>	40
3.1.O PENSAMENTO CINEMATOGRAFICO	40
3.2.O CINEMA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA	43
<b>4. TRAÇANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b>	47
4.1.ABORDAGEM DE PESQUISA	47
4.2.ANÁLISE TEMÁTICA	50
4.3.O CAMPO EMPÍRICO	53
<b>5. CORPOS EDUCADOS EM IMAGEM E MOVIMENTO</b>	55
5.1.ANALISANDO: ELOS POSSIVÉIS ENTRE FILMES, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA	55
5.1.1.Uma Skatista radical	56
5.1.2.Soul surfer- Coragem de viver	59
5.2 OS MOVIMENTOS FUNDAMENTAIS DO <i>SURFE</i> E DO <i>SKATE</i> E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA	61
5.3 OS EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA: DO CUIDADO COM O CORPO AO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO	78
5.4 O CINEMA NA SALA DE AULA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E QUESTÕES DE GÊNERO	93
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	103
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	106

## 1. INTRODUÇÃO

No momento em que esta dissertação foi desenhada, entrávamos no terceiro ano de pandemia do COVID-19<sup>1</sup>, com a maior parte da população brasileira já vacinada, as escolas voltavam ao funcionamento presencial. Porém, após quase dois anos de confinamento, as percepções sobre educação ganharam ainda mais a necessidade de uma dimensão mais humana. Neste sentido, partimos de uma educação humanizada (SAVIANI, 2012), que considere o conhecimento de mundo do aprendiz (FREIRE, 1996).

De acordo com Saviani (2012, p. 07) o saber que interessa diretamente à educação, é aquele produzido historicamente, isso porque, segundo o autor, o ser humano é construído a partir de suas práticas e relações sociais: “o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir”. Em outras palavras, é preciso aprender a sentir, pensar, avaliar e agir, por meio do trabalho educativo. Esse processo educativo é um fenômeno próprio do ser humano, e para seu desenvolvimento necessitamos compreender a natureza humana.

Nesta perspectiva, Freire (1996, p. 16) ressalta a relação entre educação e sua natureza histórica e social, evidenciando que o nosso conhecimento de mundo também tem natureza histórica “deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”. Neste sentido, a educação é uma forma de intervenção no mundo, tanto para sua compreensão, quanto para impulsionar transformações, sendo a educação uma forma de intervenção social.

A Educação Física (EF), como componente curricular escolar, deve colaborar para a educação humanizada dos estudantes, contribuindo para a percepção de diferentes temas e contextos. Para isso, a diversificação de linguagens e modos de se trabalhar em sala de aula, faz-se necessária. Dessa forma, enfatizamos que o uso de filmes, nesse componente, pode abrir caminhos para o diálogo entre professores e alunos, que podem interagir a partir de suas percepções de mundo.

O cinema [...] coloca as coisas do mundo numa sequência de imagens e numa arquitetura de lugares que não servem apenas para a compreensão da história que está sendo narrada. Este arranjo fílmico é um arranjo didático, em que o espectador, ao concentrar-se na história, aprende a olhar para o mundo. (MIRANDA; COPPOLA; RIGOTTI, 2006, p. 3).

---

<sup>1</sup> Ver detalhes em: <https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus>. Acesso em: 24 maio 2022.

Com isso, o cinema amplia as possibilidades de se trabalhar nas aulas de EF, que tradicionalmente, “[...] tem-se preocupado com o corpo, com a aparência, com a forma, com o rendimento, com a avaliação, com a moral” (CARVALHO, 2001, p. 99). Desta maneira é preciso valorizar o movimento para além desta perspectiva tradicional, não se fixando em fazer movimentos, mas refletir sobre os sentidos de tais movimentos na vida dos estudantes, neste sentido, o cinema contribui com movimento em sala de aula por meio da representação de imagens que as cenas trazem.

Partindo deste entendimento, apresentamos o problema, a pergunta, os objetivos da pesquisa e a justificativa do trabalho. O problema indica a questão que necessita de mais estudo e aprofundamento, os objetivos explicitam as metas que a pesquisa pretende alcançar, enquanto a justificativa salienta a relevância do estudo, bem como as contribuições trazidas para a área estudada.

Na sequência do trabalho, apresentamos duas seções teóricas: a primeira denominada “Educação, corpo e prática corporal de aventura” em que discutimos acerca da relação educação e corpo, e na segunda “Cinema e educação” traçamos a relação entre o cinema a educação que é defendida neste trabalho. Em seguida, apresentamos uma seção metodológica, na qual descrevemos os métodos e passos para este trabalho. Na sequência, realizamos a análise dos filmes propostos, ressaltando a dimensão pedagógica que eles apresentam. Por fim, trazemos as conclusões do trabalho e as referências utilizadas.

### 1.1. DA APRESENTAÇÃO DO TEMA À CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

A existência humana se materializa por meio do corpo. Através do corpo experimentamos o mundo, existimos no mundo. De acordo com Mauss (2005, p. 211) “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem”. Neste sentido, existimos pelo e com o corpo, por meio do corpo estabelecemos nossas relações com outros corpos, com a natureza e com o mundo. Assim, o corpo torna-se central em diversos campos epistemológicos, sendo interesse das mais variadas ciências.

O corpo instrumentaliza a produção de sentidos sobre ele mesmo, cada ciência que o estuda o impulsiona, tornando-o um verdadeiro sistema semiótico. Com isso, é possível compreender que ao pesquisar o corpo, as diversas ciências, em seus variados campos, não remetem ao corpo em si, mas sim às representações estéticas que estão associadas a ele. Em

outras palavras, falar de corpo é falar de uma coleção de racionalidades que no seu devir histórico tentaram conceituá-lo, abarcá-lo, explicá-lo.

O corpo, como campo de saber, impulsiona formas e modos de ser, possibilitando a existência de saberes transdisciplinares em seu estudo. Estudar o corpo requer uma abordagem complexa, que ultrapassa os limites do conhecimento integrado, estabelecendo redes de conexões nos mais variados campos. Sendo assim, para o estudo do corpo toda e qualquer ciência não abarca sua totalidade enquanto objeto, limitando-se a propor representações significadas ou ainda signos incompletos ou signos ampliados do objeto (corpo). Porém, é válido salientar que para se trabalhar um conceito complexo como o corpo, não basta realizar um cruzamento de informações de diversas áreas, é preciso oferecer-lhe um tratamento apropriado:

Os conceitos não podem, sem perda ou risco de incoerência ou de colagem, passar de uma disciplina para a outra sem o tratamento apropriado. Os procedimentos de análise não são os mesmos conforme as disciplinas, nem os métodos para a coleta de dados. Sem controle rigoroso, a análise pode parecer uma colcha de retalhos, uma colagem teórica que perde a pertinência epistemológica (LE BRETON, 2009, p. 37).

Com isso, destacamos que a concepção de corpo que buscamos relaciona-se intimamente com campo de educação, dessa forma, “[...] retoma-se aqui a consideração do corpo como espaço de inscrição de signos, não sendo o próprio corpo, *por inteiro, significável*. O corpo acolhe códigos que nele ancoram ganhando assim um estatuto de *significante flutuante*” (BÁRTOLO, 2007, p. 75). Em outras palavras, o corpo estabelece uma dinâmica de criação de sentidos, sendo o corpo uma possibilidade de estudo, visto que para Le Breton (2009), qualquer que seja o questionamento sobre o corpo, é preciso realizar a construção de seu objeto e daquilo que se entende por ele. Neste sentido, o corpo se constitui para além de sua materialidade, sendo considerada sua discursividade.

Dessa forma, para compreender o corpo e sua relação com a educação é importante retomar o conceito de “técnicas corporais” trazido por Mauss (2005, p. 385), que entende “[...] as maneiras como os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. Em outras palavras, as técnicas corporais englobam as maneiras como os homens as utilizam e as transmitem de uma sociedade para a outra, sendo culturalmente marcadas por discursos políticos e estéticos, dessa forma, “educar um corpo” é imprimir nele modos políticos e sentidos estéticos.

Ao investigar “corpos” partindo de suas práticas, pressupõe priorizar sua biologia, ou seja, seu lado natural e físico, ao lado social incorporado, confundindo o natural com o naturalizado. Diante disso, neste texto fazemos uso do termo “práticas corporais”, para ressaltar que o corpo possui intrínseca relação com sua prática. Dessa forma, trazemos o conceito de “práticas”, que expõe o corpo relacionado à prática e não apenas a fatores biológicos: “nós nos utilizamos do termo práticas corporais para significar um corpo que nunca pode separar-se de sua prática, ele que nunca pode ser reduzido a um substrato natural ou a um princípio substancial, seja físico ou biológico” (CRISORIO, 2015 p. 34).

Neste sentido, pensamos as dimensões de corpo em estreita relação com sua prática, questionamos-nos sobre a educação. Assim, a educação que defendemos não pode ser alheia à realidade do aprendiz, transformando a educação em transmissão do conhecimento. Por isso, compartilhamos o pensamento com Saviani (2012), em que defende a concepção de educação enraizada em uma contextualização histórico-social, como também corroboramos com a crítica à educação “bancária” realizada por Freire (2016), na qual o discente apenas recebe conhecimento, sem participar ativamente do processo educativo. A Pedagogia Histórico-Crítica é concebida como uma pedagogia dialética, estando “atenta aos determinantes sociais da educação e que permitisse articular o trabalho pedagógico com as relações sociais” (SAVIANI, 2012, p. 118). Sendo assim, há uma valorização da dimensão histórico-social da educação, que nos auxilia a situar-nos no mundo.

Na Obra “Pedagogia da Autonomia”, Freire (1996) destaca a importância que as relações sociais exercem na escola, considerando que os assuntos que são tratados em sala de aula não podem se limitar a saberes estritamente curriculares, mas devem considerar os conhecimentos de mundo carregados pelos discentes. Para o referido autor, o professor, de modo particular, e a escola, de um modo geral, precisam não apenas respeitar os conhecimentos prévios que os alunos carregam, sejam de classe popular ou não, mas também é dever da escola discutir a relevância dos conteúdos estudados e sua relevância para a realidade dos aprendizes. Em seus escritos, Paulo Freire sempre depositou muita esperança na educação, fazendo desta uma ferramenta em prol de um pleno desenvolvimento da cidadania. Trabalhar com educação implica trabalhar com esperança de transformação e liberdade. Hoje, quase meio século após seus escritos, os pensamentos expressados por ele continuam contribuindo para repensar as práticas escolares da contemporaneidade.

Nessa perspectiva, o ato de ensinar estabelece um respeito aos conhecimentos dos estudantes, para que assim, se possa associar a realidade dos estudantes aos conteúdos disciplinares. Em outras palavras, consideramos que a escola atua como agente de

transformação social, na medida em que defende um crescimento intelectual do aluno e não apenas repetições de conteúdos pedagógicos. Com isso, o discente passa a ser ativo em seu processo de aprendizagem visto que “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2012, p. 13).

Neste sentido, entendemos que a educação é uma atividade intermediária entre os indivíduos e a cultura humana. Ela deve ser realizada de forma a contribuir positivamente para a prática social dos educandos. Dado o papel do trabalho educativo, é preciso compreender as características da formação de professores que busca estabelecer uma relação consciente com o sentido de sua atividade, ou seja, com o compromisso histórico exigido pela tarefa de preparar as novas gerações para as necessidades de formação do aluno tanto como indivíduo singular, quanto no que diz respeito à produção e reprodução da própria sociedade.

Com isso, a liberdade defendida por Freire (2000), seria algo fundamental para a educação, no sentido de promover o diálogo com os educandos, proporcionando uma educação mais democrática e crítica. Assim, uma educação crítica corroboraria com a prática libertadora para todos os envolvidos. Ainda que pensada para os oprimidos, a educação como prática da liberdade é necessária também para os opressores, para que estes também possam optar pela liberdade de suas amarras sociais. No entanto, as ideias freirianas recentemente têm sido ameaçadas por análises superficiais de sua obra e por movimentos organizados de silenciamento de vozes que fomentam o esperar, a alegria do ensinar e aprender na liberdade.

Exemplo disso foi o intuito de se alterar a Lei de Diretrizes e Bases - LDB n. 9394/96, pelo chamado Programa Escola sem Partido, proposto no projeto de lei 867 de 2015 que sugeria entre outros princípios a neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado. Nota-se, em vozes e movimentos conservadores, a negação justamente daquilo que faz de Freire (2016) um dos maiores educadores do último século, que propõe a definição de educação como um ato político, no qual não há neutralidade possível ou desejável e a contestação da compreensão do aluno como tábula rasa.

Neste sentido, o trabalho com as práticas corporais em contexto escolar pode contribuir significativamente com a perspectiva aqui defendida, sendo histórico e politicamente situado. No ensino fundamental, por exemplo, a aula de Educação Física é componente curricular obrigatório na escola, nela os alunos praticam atividades que proporcionem a vivência dos elementos fundamentais do movimento corporal, contribuindo assim com seu crescimento e desenvolvimento corporal e social. Nesta perspectiva, Betti e

Zuliani (2002) destacam que a Educação Física no Ensino Fundamental deve ter características particulares, inovadoras e diferenciadas para que os alunos se relacionem com as práticas de seu corpo de maneira mais íntima: “É tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível” (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75).

Tais características para a Educação Física escolar podem ser encontradas na abordagem Crítico Superadora, desenvolvida pelo Coletivo de Autores na obra Metodologia do Ensino de Educação Física em 1992. De acordo com a referida propostas (2012), trabalhar a temática da cultura corporal na escola pressupõe uma relação com a sociedade. Fato que se relaciona com a Pedagogia Histórico Crítica de Saviani (2012), quando propõe uma educação que produza indivíduos singulares, a partir da coletividade. Dessa forma, ao se trabalhar com temáticas voltadas para a cultura corporal é fundamental compreender os problemas sociopolíticos que estão presentes fora da escola. Assim, a Educação Física escolar não compõe um mundo paralelo, fora da realidade social dos estudantes, mas sim, faz parte de um todo social.

Uma das propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação básica é o trabalho com as práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017). A partir desta proposta, a Educação Física escolar pode possibilitar ricas experiências, em crianças, jovens e adultos que englobam “[...] saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola” (BRASIL, 2017, 213). Com isso, destacamos que a diversidade cultural deve ser constantemente vivenciada pelos estudantes. Desta maneira:

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2017, p. 213).

Não podemos deixar de mencionar, que embora a BNCC traga a possibilidade do trabalho com as práticas corporais, a sua elaboração “[...] apresenta influência das instituições privadas e representa a predominância dessas instituições na estruturação das políticas e dos

documentos educacionais brasileiros” (VASCONCELOS; MAGALHÃES; MARTINELLI, 2021, p. 15). Entendemos assim, que este documento faz ecoar interesses financeiros, mas que podemos subverter tais interesses, em busca de uma prática educativa que relacione a exploração do corpo e uma compreensão do ‘Eu’. Ou seja, o indivíduo pode ser provocado a questionar e aprender sobre si, compreendendo assim de maneira mais complexa o outro e a sociedade em que está inserido.

Nesta perspectiva, a educação sendo uma possibilidade de liberdade e transformação, utilizaria a linguagem, seja verbal ou não verbal, como caminho para desvendar ideologias. Um modo de explorar a linguagem corporal e as suas relações estéticas para a formação dos estudantes é por meio do cinema, conforme exhibe Duarte (2002):

A experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de “competência para ver”, isto é, uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. Entretanto, essa “competência” não é adquirida apenas vendo filmes; a atmosfera cultural em que as pessoas estão imersas – o que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia – é o que lhes permite desenvolver maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema (DUARTE, 2002, p.13).

Para a autora, supracitada o cinema é potencialmente educativo, podendo desenvolver competências específicas nos espectadores, como a competência para ver, por exemplo. Dantas Junior (2012, p. 67) corrobora com as ideias de Duarte (2002) e afirma que “[...] o cinema é uma atividade educativa por excelência. Sua capacidade narrativa se transmuta em uma didática inebriante para formar percepções do mundo”. Dessa forma, é possível explorar os aspectos audiovisuais do cinema para a construção e reconstrução de significados das práticas corporais de aventura, atribuindo outros significados às representações convencionais padronizadas. Porém, é preciso trabalhar o olhar dos estudantes para que eles possam, de fato, observar os detalhes e riquezas que o cinema proporciona. Dessa maneira, o cinema, enquanto arte, contribui para a sensibilização dos olhares, ampliando a percepção cultural dos seus espectadores.

Ao se trabalhar o cinema na escola, valoriza-se o caráter crítico e conscientizador na aprendizagem do aluno, fomentando a dialogicidade na construção do conhecimento. Desta forma, o cinema não pode ser visto como um meio “facilitador da compreensão” de determinado conteúdo curricular, nem mesmo uma prática em substituição ao professor

ausente (MORAN, 1995), em outras palavras, o filme por si só, não ensina, é preciso uma intervenção pedagógica consistente e situada.

Entendemos assim, que o cinema, como instrumento pedagógico, pode ser parte da construção e da formação cultural do aluno. Para Ramos, Araújo e Souza (2012), é de suma importância que o cinema seja incluído democraticamente na escola, ouvindo os desejos e as questões que os educandos querem levantar na sua exibição/discussão em sala de aula, visto que a educação se compõe como um instrumento de libertação e entendimento do mundo. Essa compreensão fomenta a curiosidade e criticidade a partir do que é exposto na escola e vivenciado na sociedade. De tal modo, o cinema gera um ambiente de problematização e construção de entendimentos em sala de aula.

O contato com filmes produz, num primeiro momento, apenas imagens – entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos – significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual. O domínio progressivo que se adquire dessa linguagem, pela experiência com ela, associado a informações e saberes diversos significa e ressignifica indefinidamente as marcas deixadas em nós pelo contato com narrativas fílmicas (DUARTE, 2002, p. 74).

A partir do exposto, nosso **problema investigativo** busca explorar as práticas corporais de aventura e o cinema, como forma de ampliação de possibilidades do trabalho em sala de aula, uma vez que nem sempre a escola fornece estrutura para que a professora possa explorar as mais variadas práticas corporais em ambiente escolar. Sendo assim, levantamos o seguinte questionamento: **quais as possibilidades de trabalhar as práticas corporais de aventura, buscando a relação do corpo e da educação por meio da linguagem do cinema?**

Metodologicamente<sup>2</sup>, partimos de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, que se utiliza do método de análise temática, a partir de dois filmes selecionados “Soul Surfer - Coragem de Viver” (2011), que enfatiza a prática do surfe e “Uma Skatista Radical” (2021), do qual ressaltamos a prática do *skate*. Escolhemos esses filmes pela interrelação que tais práticas possuem, uma sendo realizada na natureza e a outra no meio urbano.

Assim, salientamos nosso propósito de pensar o corpo e a educação a partir das práticas corporais de aventura via linguagem de cinema, como forma de valorização do corpo em sua prática social, não isolado nele mesmo, como também, com o intuito de exploração da

---

<sup>2</sup> Na seção IV desta dissertação encontram-se detalhados os aspectos metodológicos, a abordagem e o tipo de pesquisa seguida neste trabalho.

percepção audiovisual que o cinema carrega. Portanto, buscamos explorar os saberes sociais e historicamente construídos, como saberes escolares, não apenas como conteúdos estáticos, mas possíveis da promoção de transformação pessoal e social.

## 1.2. JUSTIFICATIVA

Quando se pensa na justificativa de um trabalho acadêmico científico, como é o caso de uma dissertação, logo esbarramos naquilo que se convencionou articular o caráter científico; sua relação direta com a sociedade; as implicações para a formação profissional e humana; a história de vida do pesquisador, entre tantos outros aspectos que marcaram o lugar da pesquisa. Neste trabalho, além desses aspectos, que consideramos importantes e necessários, entrelaçamos com a educação, entendendo-a como necessária e emergencial para os sujeitos.

Com isto, este trabalho parte de uma educação que estabeleça relações sociais com o entorno escolar, e que nas aulas de Educação Física, de um modo particular, o corpo seja significado a partir de suas vivências com o meio em que está inserido. Consideramos que as Práticas Corporais de Aventura (PCA) são conteúdos adequados, que podem contribuir para a compreensão do corpo como constituinte do meio social que circula, porém, não podemos deixar de considerar as questões culturais locais que influem diretamente na constituição dos corpos nas unidades escolares. Neste sentido, repensar o corpo como algo estreitamente relacionado à educação é uma forma de aproximar a escola da sociedade, visto que existimos e experimentamos o mundo, por meio do corpo.

Em se tratando de um fenômeno social, produzido e modificado historicamente pela humanidade para atender a necessidades diversas, sejam elas de sobrevivência, fruição ou elitização, apresentamos aqui as práticas corporais de aventura como um conteúdo potencialmente rico a ser desenvolvido na escola em todas as etapas da educação básica. Trata-se de uma manifestação da cultura corporal, um conhecimento clássico pertencente ao gênero humano, que tem sido apropriado e usufruído de forma privada por uma pequena parcela da população. (CAUPER, 2018, p. 88).

Infelizmente, as práticas corporais ainda não estão totalmente difundidas no contexto escolar, restringindo-se a uma pequena parcela da população que as praticam por lazer ou em casos mais restritos como modalidade esportiva para competições. Tais práticas auxiliam ao praticante a se conhecer melhor, tanto em relação aos movimentos corporais, como referente

aos sentimentos que são despertados durante a sua execução. Ressaltamos que as PCA têm, aos poucos, ganhado espaço e começam a se consolidar como área de conhecimento sistematizado, tornando-se um componente em ascensão a ser trabalhado em contexto escolar. Porém, os conteúdos tradicionais da EF brasileira, como os esportes, ainda são predominantes e hegemônicos na maioria das escolas (DARIDO; RANGEL, 2011).

Outro aspecto que encontramos para a não entrada de conteúdos inovadores na escola é a monocultura esportiva, ao qual o Brasil tem uma cultura do futebol que entra na escola com muita força e preferências entre os alunos. Assim, inserir outros conteúdos torna-se um desafio para o professor, porém é necessário que esses novos conteúdos sejam inseridos, proporcionando aos alunos uma vasta gama de práticas corporais diversificadas. Vale destacar que tal inserção deve partir de uma formação cultural dos estudantes, sendo exploradas as dimensões afetivas, sociais, cognitivas e motoras.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75).

Com isso, o trabalho com as práticas corporais pode contribuir com diversas esferas da vida dos estudantes, colaborando para a sua qualidade de vida. Uma forma de aproximar os estudantes com diversas práticas corporais é a inserção do cinema como proposta pedagógica, com foco em sua dimensão cultural-social (MEZZARROBA *et al*, 2020). Tal proposta sensibiliza o olhar do aluno a esta arte, amplificando suas experiências com o mundo. Para Duarte (2002): “[...] determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais” (DUARTE, 2002, p. 19). Dessa forma, os recursos midiáticos, a exemplo do cinema, são insumos significativos e autênticos que podem ser trabalhados em sala de aula.

Com isso posto, entendemos que o cinema em sala de aula proporciona uma aproximação com a realidade das diversas práticas corporais que nem sempre são possíveis de serem praticadas na escola, mas é possível a realização de uma análise que possa contribuir para a reflexão dos estudantes, diversificando as possibilidades de trabalho em sala de aula, ajudando que os discentes compreendam mais o outro, como também a si mesmos. Ressaltamos também que as vivências das práticas corporais de aventura podem gerar um tipo

de conhecimento particular, evidenciando as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento.

Em um estudo realizado<sup>3</sup> com alunos da escola pública tivemos um contato anterior com o tema em questão, quando realizamos a pesquisa intitulada “Práticas corporais de aventura: uma proposta para a Educação Física escolar” (SANTOS, 2019). Essa pesquisa foi fruto do trabalho de conclusão de curso. Na ocasião, realizamos a pesquisa em uma escola pública da rede estadual de ensino, situada no município de Aracaju, tendo como participantes da pesquisa os alunos do 9º ano do ensino fundamental. Durante o trabalho desenvolvemos diversas práticas corporais como o arborismo, a corrida de orientação, o *parkour* e o *slackline*. Assim, esse estudo explorou as possibilidades de inserção das práticas de aventura na natureza no ambiente escolar.

O estudo apontou que, de um modo geral, foi possível realizar a aplicação da proposta para o grupo de alunos selecionados para a pesquisa:

Os alunos acreditam que as práticas realizadas foram adequadas para o ambiente escolar, visto que, a escola possuía um amplo ambiente verde e pouco explorado pelos alunos. O professor também considera que as atividades realizadas foram pertinentes e destaca o domínio da turma que possuímos. (SANTOS, 2019, p. 57).

Fica evidente que a implementação ocorreu de forma exitosa, contribuindo para o desenvolvimento das práticas corporais propostas, a partir da exploração da estrutura existente na escola. Porém, é preciso ponderar que o sucesso na implementação da atividade se deu por um conjunto de motivos, entre os quais a seleção das práticas de aventura e da escola com espaço minimamente adequado para sua realização. Assim, percebeu-se na pesquisa que nem todas as escolas teriam estrutura para abrigar tais atividades, visto que a escola/campo que acolheu a proposta foi selecionada previamente por suas características físicas: “A escola foi escolhida por possuir uma ampla área verde, o que a torna um campo propício para o desenvolvimento do trabalho” (SANTOS, 2019, p. 33).

Com isso, a proposta não poderia ter sido realizada em escolas que possuem pouco ou nenhum espaço físico. Para esta nova proposta aqui desenhada, buscamos contemplar essa lacuna existente, relacionada a pouca estrutura escolar, o que nos levou a novos caminhos de pesquisa mais acolhedores, que pudessem ser implementados em variadas situações

---

<sup>3</sup> Estudo realizado para a realização do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física. O trabalho apresenta as possibilidades e viabilidades de inserção da temática práticas corporais de aventura na Educação Física escolar no ensino fundamental maior (SANTOS, 2019).

educacionais. Em uma escola sem espaço verde ou até mesmo sem uma quadra poliesportiva, é preciso fazer adaptações para realizar as práticas corporais durante as aulas de Educação Física.

Durante a implementação da pesquisa de graduação, foi possível utilizar ferramentas digitais como gravação de vídeos e fotos para que os estudantes percebessem seus movimentos e os dos colegas em relação às PCA, potencializando as relações entre as PCA e a formação dos estudantes envolvidos no processo. Essa experiência prática contribuiu para reflexões sobre as potencialidades da educação pública, permitindo-nos enxergar outro olhar em relação à educação e às possibilidades de trabalho em sala de aula, que incluem o trabalho com a formação cultural dos sujeitos, que envolve seus conhecimentos prévios e os conteúdos escolares, possibilitando uma autonomia e percepção crítica na construção do saber, mediados por tecnologias.

Desta maneira, o estudo realizado com alunos da escola pública, trouxe reflexões acerca da prática escolar e as possibilidades de ferramentas pedagógicas que podemos explorar no contexto escolar. Assim, foi possível refletir sobre as possibilidades de se explorar as PCA na formação dos estudantes. Aqui há elementos importantes no campo da educação, que possibilitam ampliar a atuação do professor em sala de aula, como por exemplo, com a utilização de dispositivos eletrônicos, digitais ou de práticas simuladas em sala de aula. Uma alternativa acessível, com baixo custo, seria o uso do cinema.

Com isso, propomos mudar o olhar para as práticas de aventura como possibilidade formativa, com o intuito de minimizar algumas limitações encontradas, como por exemplo, o espaço físico, no contexto escolar. Da mesma forma, observamos que a temática apresentada nesta pesquisa, que relaciona a Educação Física escolar, as práticas de aventura e o cinema, ainda vem sendo pouco explorada nas escolas, bem como, escassas nas produções acadêmicas da UFS, como também em nível nacional, conforme buscas realizadas no repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe (RIUFS)<sup>4</sup>, na plataforma Scielo e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Utilizamos como filtros para as buscas em tais plataformas as entradas “práticas corporais de aventura” + “Cinema”. A partir desses termos, encontramos os resultados sintetizados no quadro abaixo:

---

<sup>4</sup> Repositório disponível em: <https://ri.ufs.br/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

Quadro 1: Trabalhos relacionados às práticas corporais de aventura e cinema em base de dados

Plataforma	Trabalhos encontrados	Dados
RIUFS	Imagens do êxtase: relações sociotécnicas entre o audiovisual e os esportes de ação e aventura na natureza.	Tipo: Dissertação Autoria: Gilberto Caetano Manea, (2018)
SciELO	Técnicas corporales y cinematográficas en el cine informativo documental. Cultura física y formación de las subjetividades en “sucesos argentinos”	Tipo: Artigo Autoria: Isabelle Sena Gomes e Iraquitán de Oliveira Caminha (2016)
	Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes.	Tipo: Artigo Autoria: Eduardo Lautaro Galak (2022)
BDTD	Cinema e educação (1920-1945): a participação da "imagem em movimento" nas diretrizes da educação nacional e nas práticas pedagógicas escolares.	Tipo: Dissertação Autoria: Maria Lucia Morrone Defesa: 1997

Fonte: elaboração própria, 2022.

Nas plataformas utilizadas em nosso levantamento, não foi encontrado nenhum trabalho que traçasse uma relação direta entre as práticas corporais de aventura e o cinema. No RIUFS apenas um trabalho que mais se aproxima das buscas realizadas, trata-se da dissertação que se ocupa de uma análise “sobre as figurações do êxtase enquanto tradução das relações entre as imagens técnicas e os modos de agenciamento e operação da linguagem audiovisual na prática de esportes alternativos que desafiam as forças da natureza” (MANEA, 2018, p. 07). Este trabalho, apesar de relacionar linguagem audiovisual e práticas de esportes, não se aproxima do campo educacional que propomos em nosso trabalho.

Na plataforma SciELO foram encontrados dois artigos, o primeiro objetiva “interpelar os discursos visuais e narrativos desenvolvidos no cinema informativo documental especialmente durante o segundo quarto do século XX, particularmente nos filmes que tem como objeto projetar sentidos sobre práticas corporais” (GOMES; CAMINHA, 2016, p. 02) assim, não apresenta uma relação com as práticas de aventura, nem se aproxima do campo educacional. O segundo artigo encontrado, também não se aproxima do campo educacional, na medida em que “investiga e discute os discursos de corpo [...] e as práticas corporais exibidas no cinema.” (GALAK, 2022, p. 414), mais uma vez, não trata das práticas de aventura, conforme busca realizada.

Por fim, o BDTD apresenta apenas um resultado de dissertação que tem como objetivo “analisar a origem e os fundamentos históricos dos movimentos em defesa da utilização de recursos audiovisuais na educação.” (MORRONE, 1997, p. 07). Nota-se que o trabalho não se relaciona com as práticas de aventura. Dessa forma, não encontramos trabalhos que contemplassem todos os parâmetros das buscas realizadas, o que evidencia lacunas no campo de pesquisa que nos interessa trabalhar, como por exemplo, trabalhar a relação entre práticas corporais de aventura e o cinema. Diante disso, ressaltamos a relevância e pertinência de nossa proposta, na medida em que podemos fomentar o fortalecimento de discussões sobre a Educação Física, as práticas de aventura e o cinema em sala de aula, o que contribui para potencializar a ampliação do conhecimento pedagógico por meio da produção acadêmica.

Assim, a proposta aqui desenhada traçou caminhos ainda pouco explorados, conforme indica a tese intitulada “Práticas corporais de aventura: construção coletiva de um material didático digital” defendido por Alexander Klein Tahara, em 2017, que aponta que as práticas de aventura ainda são pouco implementadas nas escolas. Do mesmo modo, buscamos alternativas para tal lacuna, fomentando que as PCA estejam cada vez mais incluídas no contexto escolar.

Ressaltamos, assim, a importância no aprofundamento do trabalho com o corpo, cinema e sua relação com a Educação Física: “podemos perceber que a construção das identidades nos corpos dos alunos e alunas em muitas escolas e em aulas de Educação Física ocorre de forma simplista e redutora” (CASTRO *et al*, 2020, p. 225). De tal modo, a partir de nossa pesquisa, centraremos nosso trabalho na relação entre educação, cinema e as práticas corporais de aventura, promovendo um ensino para o reconhecimento de “si” e do “outro”, como também para a construção de diálogos entre os diferentes grupos sociais e culturais.

### 1.3. DOS OBJETIVOS DA PESQUISA

Diante do exposto, esta pesquisa estabelece uma relação indissociável entre a educação, o cinema e as práticas corporais de aventura. Entendendo que essa tríplice aliança faz parte da vida humana e é essencial para seu processo formativo. Obviamente, que existem outras manifestações da cultura e da vida que são essenciais, mas, trouxemos este recorte para entender que: (1º) A educação é fundante para que se “estimule” o pensamento crítico e a transformação da realidade a partir do conhecimento para a emancipação; (2º) O cinema, não

só como arte, ou “sétima arte”, mas especialmente, o cinema para além da grande tela; o cinema como “janela” para o mundo; para mudar a realidade. Realidade está, muitas vezes arraigada pelo preconceito, pela discriminação (social, de gênero, de raça etc.). Assim, ao se emocionar também se estabelecem nexos com a reflexão crítica; ou com a autorreflexão crítica. Enfim, o cinema pode gestar uma nova forma de ver ao seu redor, de olhar para o outro, como a si mesmo, de mudar a realidade; (3º) As PCA implicam de imediato uma relação sensitiva com o ambiente, com a natureza, e isto, por si só, já é importante para a vida humana na terra. Além deste aspecto, o controle/poder econômico finda privilegiando uma camada muito pequena que usufrui desta relação com a natureza. Bem como os alunos das escolas públicas, principalmente, são colocados à margem da sociedade, por sua condição econômica e social. Portanto, o **objetivo geral** deste estudo é **analisar como as práticas corporais de aventura, por meio do cinema, potencializam a educação escolar**. Para isso, analisamos os filmes “Soul Surfer - Coragem de Viver” e “Uma Skatista Radical”, buscando evidenciar as possibilidades educativas que apontem as práticas corporais de aventura do surfe e do *skate* presente nos filmes.

Destacamos que o objetivo geral em uma pesquisa traz em seu contexto e de forma indissociável, outros objetivos que são necessários para entender a realidade estudada, sendo assim, elaboramos os seguintes **objetivos específicos: analisar o uso dos equipamentos de segurança para a realização das práticas do surfe e do skate**. Neste objetivo salientamos como a presença dos equipamentos de segurança contribuem para o melhor desempenho na prática corporal, fornecendo confiança na prática do esporte. O segundo objetivo específico se ocupa em **analisar quais os movimentos fundamentais dos esportes realizados pelos praticantes do surfe e do skate nos filmes selecionados**. A partir deste objetivo, ressaltamos o desempenho dos praticantes no decorrer dos filmes, que possibilitam a compreensão dos movimentos fundamentais dos esportes. Por fim, no terceiro objetivo, buscamos **compreender como as relações sociais, econômicas e culturais interferem ou não nas práticas corporais apresentadas nos enredos dos filmes**. Com esse objetivo, buscamos uma dimensão humanizadora para educação, que possa contribuir para a criticidade dos estudantes envolvidos.

Esses objetivos ajudam a compreender melhor o objeto pesquisado, como também a relação entre cinema e educação com o um olhar voltado para as PCA, ressaltando a dimensão humanizada que a educação deve possuir. Na próxima seção, apresentamos os conceitos de educação, corpo e prática corporal de aventura que sustentam este trabalho.

## **2. EDUCAÇÃO, CORPO E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.**

Apresentamos aqui, caminhos conceituais que fazem parte da fundamentação teórica que sustentou a pesquisa. Tal fundamentação nos ajudou a compreender o que os teóricos, já consolidados da área, pensam a respeito da temática estudada, bem como ajudou a entender melhor sobre o estudo do corpo e sua relação com as práticas corporais de aventura presentes na escola.

Neste sentido, encontramos argumentos que explicam uma educação e sua relação com o corpo, bem como, as particularidades das práticas corporais de aventura em que potencializa não apenas as questões cognitivas dos estudantes, mas também trabalha na esfera física e emocional, partindo de princípios que proporcionem a construção da cidadania coletiva, como também a emancipação humana.

### **2.1. EDUCAÇÃO E CORPO**

O corpo como um produto da educação é por vezes considerado como uma dualidade corpo/alma, contudo a relação do homem com o corpo é íntima e individual, assim “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” (MAUSS, 2005, p. 211). Dessa forma, a percepção e compreensão do corpo se faz fundamental em diversas esferas sociais, não limitadas à educação:

O corpo é central não só na esfera da Educação, mas no contexto das mais variadas ciências e campos epistemológicos, pois o existir humano se dá através do corpo – o corpo é o meio pelo qual nos utilizamos para experimentar o mundo, para existir no mundo. O ser humano é presença no tempo e no espaço como corpo/ desde o corpo/ através do corpo/ sendo corpo. Somente existimos pelo e com o corpo, pelo e com o corpo o humano estabelece suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo/natureza (ZOBOLI; ALMEIDA; BORDAS, 2014, p.218).

A relação entre corpo e educação que buscamos ressaltar a maneira pela qual existimos. Salientamos que a educação corporal é por vezes compreendida na escola como uma forma de disciplinar o corpo do estudante para obtenção de objetivos curriculares, diferente do que compreendemos para este trabalho. Assim, o nosso entendimento do corpo parte das práticas educativas e a dinâmica interacional da qual se desprende e determinam as

grandes linhas de uma dinâmica educativa facilitando o desenvolvimento da personalidade e conduzindo o estudante à autonomia da conduta (VAYER, 1986).

O corpo geralmente é esquecido e com ele seus significados e relações existentes. Percebemos na sociedade que a visão do corpo educado é remetida ao corpo quieto, que pouco interage com o meio. A criança “educada” é a que fica sentada na cadeira de maneira estática, sendo considerada uma criança modelo perante a visão adulta/social. No ambiente escolar ainda é possível verificar corpos presos a cadeiras e carteiras, cujo principal objetivo é a construção de conhecimento curricular, esnobando muitas vezes, a real construção de aprendizagem que deve acontecer na escola.

Dessa forma, nossa proposta parte da “[...] ressignificação de diferentes práticas corporais contemporâneas, a partir de princípios que possibilitassem a construção da cidadania coletiva e da emancipação humana” (SILVA; DAMIANI, 2005b, p. 130), ou seja, a escola tem a função social de refletir sobre a construção completa do ser humano. É relevante salientar a importância de se explorar o corpo na aprendizagem como um todo, mas será que as escolas estão aptas para que esse desenvolvimento aconteça? Infelizmente, no geral, a escola apenas foca em aspectos cognitivos e não faz o estudante sentir e refletir sobre seu corpo, atitudes e movimentos.

Em geral, a escola apela somente ao cérebro, crianças com braços cruzados, atados a si mesmos. Essa era a proposta: amarrar-se o corpo para deixar apenas o cérebro em funcionamento, desconhecendo e expulsando o corpo e a ação da pedagogia. Ainda hoje encontramos crianças que estão atadas aos bancos, a quem não se permite expandir-se, provar-se, incluir todos os aspectos corporais nas novas aprendizagens (FERNÁNDEZ, 1991, p. 63-64).

Quando se trata de esquema corporal no ambiente de aprendizagem é possível perceber que há uma carência em que seja explorado, para que haja a construção de novos conhecimentos. Facilitando muitas vezes, que a criança futuramente tenha uma relação mais ampla com o seu corpo o conhecendo e se relacionando de forma mais harmônica com o ambiente em que está inserido.

De tal modo, a aprendizagem deve ser significativa, prazerosa e na primeira fase da vida, depende da ação corporal. Alves (1988, p.46) afirma que “[...] o que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado [...] aprendizagem imediata. Quanto mais separado da experiência um determinado conteúdo, maiores e mais complicadas as mediações verbais”. Em outras palavras, o estudante é levado a refletir teoricamente, mas nem sempre é estimulado a realizar ações na prática.

Vale ressaltar que o trabalho do educador no desenvolvimento do esquema corporal deve acontecer de forma que valorize e se fundamente em ações proprioceptivas, táteis, visuais e auditivos, fazendo com que a aprendizagem aconteça de maneira eficiente e agradável. Assim, essa aprendizagem da criança se transforma em um impulso dando-lhe sentidos e significados e, como resultado, há a retenção do aprendizado.

Dessa maneira, o papel do educador é proporcionar atividades estimulantes como o teatro, a música, os jogos, a dança e as práticas corporais, trazendo como objetivo final o aprendizado social e intelectual do aluno, desenvolvendo-o assim de maneira integral. Portanto, é preciso pensar a construção de corpos e sua transformação, de acordo com as interferências externas e internas ao seu seio familiar, produzindo assim, marcas que nos constituem como homens ou mulheres perante a sociedade.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos [...], enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas (GOELLNER; FIGUEIRA, 2002, p. 02).

Nessa visão, o corpo não é apenas a materialidade corporal, mas também é fruto dos estímulos que recebe e que reproduz, sendo pensado como uma forma de conhecimento de si, e do seu entorno. Por sua vez, as práticas corporais, possíveis de desenvolver com o seu uso, são determinantes para o seu conteúdo e conhecimento interno, gerando assim, uma conexão consigo e com o ambiente em que está a sua volta.

## 2.2. (RE)SIGNIFICANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS

Para a educação, o estudo do corpo é um grande desafio, a começar pela complexidade e abstração que esse conceito carrega. O estudo do corpo na educação passa por binarismos interconectados como cultura e natureza, biológico e social. Dessa forma, o corpo pode ser visto na educação, nas diversas disciplinas que a escola oferece. Neste tópico, buscamos compreender os significados das práticas corporais a partir do componente Educação Física, que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um

componente que deve auxiliar os alunos no conhecimento corporal, bem como sua relação com o espaço.

Por ser um conceito repleto de binarismos, complexidades e abstrações, o estudo do corpo na escola nem sempre possui espaço definido. Lucena e Sousa (2009) apontam que, por vezes, o sentido do corpo na escola, e na sociedade como um todo, está associado aos padrões de beleza, ou mesmo na supervalorização de movimentos e técnicas, “desta forma, a linguagem corporal passa a ser compreendida apenas no seu ‘saber fazer’, reduzindo-a à condição de mero ‘objeto’” (SILVA; DAMIANI, 2005a, p. 20).

Para as autoras supracitadas a objetificação do corpo na qual a linguagem corporal se define a partir de um cientificismo, gera apenas movimentos repetitivos, sem problematizar outros aspectos também relacionados às práticas corporais, como os culturais e naturais, que são em sua essência subjetivos “As práticas corporais organizadas a partir destes critérios e procedimentos, resultando num tipo específico e limitado de formação humana” (SILVA; DAMIANI, 2005b, p. 20). Desta forma, os espaços para o corpo se tornam previsíveis, sendo a função do corpo ser cultuado.

Faz-se necessário então construir linguagens diferentes para pensar e sensibilizar os corpos. Diríamos que deveríamos poetizar o corpo. Porque a poesia é uma maneira de estar no mundo. Poetizar o corpo tentando criar outras rimas, ou não criar rima nenhuma. Viver os sentidos como um encontro com o mundo! (LUCENA; SOUSA, 2009, p. 6).

O corpo passa a ser reconhecido como elemento não puramente estético, mas como forma de conhecimento de si mesmo, fonte de diversas emoções, tais quais o medo, a superação, a adrenalina, entre outros advém do fato de envolver-se em diversas práticas de aventura.

As práticas corporais podem ter duas definições: “A primeira está inclinada para uma cultura corporal onde inclui: esporte, atividade física, exercício físico, jogo e dança. Já a segunda perspectiva relaciona as manifestações mais genéricas, como gestos e atividades cotidianas” (BONORA, 2017, p. 19). Destacamos que esse tipo de prática proporciona no aluno o desenvolvimento do controle emocional e a sua relação com o meio ambiente. Já Tahara (2017) aponta que o termo “Práticas Corporais” engloba diversas práticas sociais, sendo que o movimento corporal é elemento essencial para sua realização.

Entendemos, com isso, que as práticas corporais possuem peculiaridades, que proporcionam ao aluno experiências únicas, permitindo o acesso à dimensão do conhecimento aos quais ele não teria de outro modo. As práticas podem ser adequadas de acordo com a

realidade da escola, visto que: “[...] as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais. Isso significa dizer que as mesmas podem ser transformadas no interior da escola” (BRASIL, 2017, p. 217).

Destacamos assim, que a função da escola não se limita no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, como também nas potencialidades físicas e emocionais, salientando a importância da convivência em sociedade: “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p. 09). Assim, podemos afirmar que a função social da escola está voltada para a formação da cidadania, despertando nos alunos um compromisso ético e social, para transformação social. Freire (1996) salienta que ensinar não é transferir conhecimentos e conteúdos, destaca também que formar alunos não é impor ações e sentimentos aos corpos dos estudantes, mas sim pressupõe uma experiência política, pedagógica e estética, na qual há uma troca de saberes. No próximo tópico, nos aprofundamos na relação entre as Práticas Corporais de Aventura e a Educação Física escolar.

### 2.3. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No ambiente escolar é possível realizar uma grande diversidade de práticas. De acordo com os pressupostos da BNCC, é plausível realizar o esporte, a dança, a luta e a ginástica como forma de ressignificação e como meios de uma mediação reflexiva sobre as culturas corporais do movimento. Esses conteúdos, muitas vezes, podem ser vinculados ao cotidiano dos alunos, visto que estão presentes desde os meios de informação e comunicação, bem como em suas vivências sociais, como vizinhança e família. Os professores, por sua vez, também podem estar em constante contato com tais culturas corporais, contribuindo para a realização de suas práticas pedagógicas.

Porém, infelizmente, podemos perceber que os conteúdos tradicionais da Educação Física brasileira, como os esportes, são muitas vezes predominantes e hegemônicos na maioria das escolas. O predomínio de determinados conteúdos, como comenta Darido e Rangel (2011), ao fazer referências às modalidades hegemônicas nas aulas de Educação Física escolar (futebol, voleibol, basquetebol e handebol), acabam inibindo a realização de outras atividades que não sejam tais modalidades. As autoras defendem que os professores tendem a abordar apenas aqueles conteúdos que possuem maior domínio, o que torna, muitas vezes, as aulas de Educação Física, restritas e vinculadas a esses quatro esportes coletivos, deixando de lado outros componentes relevantes para a exploração do movimento corporal do estudante.

A inserção de um novo conteúdo para a área de Educação Física, traz um grande desafio tanto para quem ensina, quanto para quem aprende, já que o não domínio das técnicas e habilidades usadas pode se tornar um obstáculo e muitas vezes um afastamento por parte de professores e alunos. É nesse contexto que a BNCC (BRASIL, 2018) propôs a inserção das práticas corporais de aventura (PCA) na escola, que pode ser vista como um grande desafio, porém com o passar dos anos essa realidade pode ser modificada.

Podemos considerar que as PCA, dentro da visão de conhecimento sistematizado, têm ganhado cada vez mais uma importância e significado no ambiente escolar e na Educação Física. Ela se insere como uma prática historicamente produzida através da atividade humana, e está dentro da cultura corporal do movimento, assim como o esporte, sendo assim, pensada e construída no contexto do ambiente escolar.

A utilização do termo “prática corporal de aventura” nos leva a algo mais complexo e profundo quanto ao termo “atividade física”. “Esta última nos remete a uma compreensão restrita de humano, limitada a uma concepção biologicista; enquanto a primeira possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas”. (INÁCIO, 2005, p. 69). Assim, podemos considerar que esse termo nos aproxima de maneira mais dialética com a natureza, visto que ele cria sua própria cultura por meio do trabalho. Com isso, podemos afirmar que o corpo está intrinsecamente relacionado com a natureza e as relações sociais:

O homem não surge de uma base outra que não seja a natureza. Ele não aparece da ideia, da consciência, mas de um processo histórico-espacial, em que os sujeitos se instauram a partir de suas relações com a natureza e entre eles. Cada geração, cada sociedade, então, encontra uma base de relações e estruturas formadas. É a partir dessa base que se desdobra a vida. No entanto, a realidade cotidiana não é, necessariamente, um obstáculo para o desenvolvimento humano, mas sua condição de existência e possibilidade. (BRITO, 2009, p. 01-02).

Nesse sentido, consideramos que as práticas corporais de aventura são produtos históricos, que são produzidos pelos humanos, e através do seu trabalho não é possível ser esquecido e desvinculado com a relação da natureza humana. Isso se deve ao fato que historicamente, o corpo é compreendido como sendo elemento da natureza. Zoboli, Almeida e Bordas (2014) afirmam que na modernidade, há tentativas de culturalizar o corpo, partindo da percepção que ele faz parte da natureza. Sendo natureza, o corpo precisava ser controlado para poder realizar suas tarefas, assim, surgem tecnologias corporais, com o intuito de controlar o corpo, sob o advento de uma ordem industrial. Há, então, a manipulação do corpo com o intuito de disciplinar e reprimi-lo para um desenvolvimento produtivo.

Com o passar do tempo, surge a necessidade de (re)significar os saberes sobre o corpo, alterando suas relações que ultrapassem o binarismo do corpo como natureza/cultura ou mesmo corpo/mente, sendo esse um desafio para quem estuda o corpo na educação. Podemos inferir que as PCA, na medida em que vêm ganhando espaço no ambiente escolar e na sociedade, vêm ampliando também seu espaço nos debates acerca das manifestações culturais do movimento, conquistando, deste modo, visibilidade para que a sociedade as entenda como uma cultura socialmente construída.

Durante a prática na escola é preciso ficar atento ao cuidado com o corpo e o uso do seu potencial, já que o esporte permite ao indivíduo ultrapassar de forma rápida, eficiente e segura quaisquer obstáculos utilizando somente as habilidades e capacidades do corpo humano, com isso, o risco é um fator bastante inerente à prática. Como podemos ver, Tahara e Schwartz, (2003) corroboram com esse pensamento quando evidenciam que as PCA:

Apresentam características “radicais”, entre as quais se destacam o risco, a vertigem e a superação de limites internos e externos, numa busca incessante pelo prazer, fazendo com que seu praticante vivencie a sensação de emoção e liberdade, oportunizada pela satisfação da superação pessoal e coletiva. (TAHARA; SCHWARTZ, 2003, p. 06).

O risco durante a prática é inevitável, porém, é preciso que haja uma consciência tanto dos alunos quanto dos professores para que esse risco seja consciente e assumido. Na visão de Maia (2011) assumir o risco percebido que significa que os envolvidos têm ciência dos riscos que estão expostos na prática de aventura, do mesmo modo que o risco deve ser controlado. Nesse caso, podemos definir riscos controlados como sendo “[...] aqueles avaliados pelos prestadores de serviços e que são objeto de manipulação pela adoção de medidas de segurança cabíveis de acordo com as normas técnicas” (MAIA, 2011, p.44), ou seja, são aqueles existentes, mas cercados de todos os equipamentos que controlem o perigo existente na prática das atividades. Assim, trabalhar com as PCA, também inclui assumir os riscos e evidenciá-los na hora de sua prática.

Para que esse risco seja diminuído é preciso que professores e alunos estejam cientes do uso dos equipamentos de segurança. Existem vários equipamentos que precisam ser usados de acordo com a modalidade apresentada. Os principais equipamentos utilizados são: capacete; joelheiras, cotoveleiras, cadeirinha, mosquetão, cordas, luvas, entre outros. O uso desses equipamentos previne acidentes e possíveis ferimentos nos alunos durante as PCA.

A partir do exposto, retomamos o conceito de Tahara (2017) que as práticas corporais de aventura são aquelas que o movimento corporal é intenso e fundamental para sua

realização, acrescidos de atividades de aventura. De acordo com Bonora (2017), as práticas corporais de aventura estão separadas em dois âmbitos, podendo ocorrer na natureza ou em ambiente urbano. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante, na geração de vertigem e do risco controlado. Alguns exemplos dessas práticas são: corrida orientada, corrida de *mountain bike*, rapel, tirolesa, arborismo, *surf*, entre outros. Já as práticas de aventura urbana exploram a paisagem do cimento, alguns exemplos são *parkour*, *skate*, patins, *bikes* e etc.

Além das práticas serem subdivididas entre natureza e urbano, Tahara (2017) destaca que é possível a classificação a partir de outra subdivisão, dependendo do ambiente que a prática ocorra, podendo ser dividida em: água, terra e ar, indiferentemente se o ambiente seja natural ou artificial. Esse conteúdo considerado “inovador” pode oferecer diversos benefícios para os praticantes, dentre eles, a experimentação de novas práticas, valorização de espaço público, resolução de problemas de ordem motora ou cognitiva, conscientização ambiental, reconhecimento e valorização de outras culturas e identidades.

Uma forma de popularização dessas práticas, são os eventos poliesportivos mundiais que fazem ampliar a visibilidade das PCA alcançando públicos que, por vezes, não as conhecia. Um exemplo da ampliação dessa visibilidade está na última Olimpíada, ocorrida em Tóquio 2021. O evento estava previsto inicialmente para o ano de 2020, mas por conta da pandemia do COVID-19 teve que ser adiado para o ano seguinte. Neste evento, duas modalidades ganharam bastante visibilidade, sendo transmitida na grande mídia: o *skate* e o *surfe*.

Ambas as modalidades trouxeram medalhas olímpicas para o Brasil, fazendo repercutir ainda mais suas estreias nos Jogos Olímpicos. No caso do *Surfe*, foi conquistada a medalha de ouro com o Ítalo Ferreira, já no *Skate*, o Brasil ganhou três medalhas de prata uma na modalidade *Park* com Pedro Barros e duas na modalidade *Street* com Kelvin Hoefler e Rayssa Leal. No caso da Rayssa, apelidada “Fadinha do Skate”, com apenas 13 anos, foi a atleta mais jovem na história do Brasil a subir em um pódio. Dessa forma, os pódios foram conquistas bastante significativas para o quadro geral de medalhas, ganharam muita repercussão. Tal visibilidade das modalidades pode despertar o interesse para o conhecimento das práticas, potencializando o envolvimento dos estudantes em possíveis cenários de exploração das PCA.

Porém, conforme defendem Silva e Damiani (2005a), é preciso refletir sobre a repercussão ampliada das práticas corporais, seja por órgãos governamentais ou mesmo grupos de profissionais que organizam os grandes eventos que geram repercussão midiática.

Para as autoras citadas acima, uma análise preliminar “[...] nos mostra a tendência a uma reprodução acrítica dos objetivos e da lógica dos meios de comunicação de massa no serviço prestado à sociedade no âmbito do lazer” (SILVA; DAMIANI, 2005a, p. 18). Assim, é preciso conceber as práticas corporais desde diferentes perspectivas, sem centrar-se apenas na instrumentalização repetida de movimentos.

As práticas corporais devem ser tratadas pelas ciências humanas e sociais, pela arte, pela filosofia e pelos saberes populares, sem desprezar as ciências biológicas, dado que esta dimensão é constituinte fundamental do humano, tomando-se seus indicadores como parte do processo ativo de auto-organização subjacente à vida (SILVA; DAMIANI, 2005a, p. 21).

A partir desta perspectiva, nesse trabalho optamos a dar evidência a essas duas práticas corporais de aventura, o *skate* que se caracteriza por ocorrer em ambiente urbano, e o *surfe* que acontece na natureza.

O *skate* é uma prática corporal de aventura que acontece nos ambientes urbanos, sua prática necessita de uma pista sem ondulações e buracos. Muito comum entre os jovens, essa prática vem cada vez mais se popularizando, porém, para que ela ocorra, é preciso que o praticante tenha o principal instrumento, o *skate*, o que muitas vezes dificulta o acesso de pessoas com classes sociais menos favorecidas.

Além da necessidade financeira para comprar o *skate*, Aragão (2013)<sup>5</sup> aponta outro fator essencial para a sua prática: o acesso à pista. Ela aponta que é fundamental a construção e manutenção de pistas públicas, além de serem espalhadas em pontos estratégicos da cidade. Ao contar a história do *skate* na cidade de Aracaju – Sergipe, a autora lembra que a primeira pista pública de *Skate* de Aracaju, está localizada no Bairro Industrial, zona norte da cidade, neste tempo, “alguns poucos skatistas possuíam condições financeiras para o deslocamento até o bairro para utilizar a pista” (ARAGÃO, 2013, p. 237).

A construção de uma nova pista de *skate* se deu em 2004, localizada na orla de Atalaia, na capital sergipana. Chamamos a atenção que a nova pista foi construída no local turístico da cidade, um dos principais cartões postais da capital sergipana. A pista ajudou a difundir a prática na cidade, fortalecendo vínculos afetivos entre os praticantes, conforme aponta a autora: “Para os skatistas há um significado mais profundo o que o torna um espaço vivido, um laço da agregação social construída, paulatinamente, detentor de um histórico em

---

<sup>5</sup> Neste estudo de dissertação de mestrado, a autora buscou compreender como as experiências de lazer de skatistas frequentadores do Skatepark Cara de Sapo, espaço do complexo de esportes radicais da Orla de Atalaia em Aracaju/SE. O trabalho foi defendido no ano de 2013.

comum” (ARAGÃO, 2013, p. 238). Vale destacar, que a nova pista, distante da periferia, acaba excluindo comunidades já marginalizadas e valoriza ainda mais zonas já elitizadas da cidade.

No ambiente escolar a prática do *skate* pode ser encontrada na modalidade pertencente aos esportes sobre rodas, e é preciso que a atenção à segurança corporal seja evidenciada, já que como toda prática corporal oferece risco ao corpo.

As práticas corporais de aventura sobre rodas geralmente são acompanhadas de equipamentos de proteção. Nessas atividades, o risco está sempre presente, o que explica a adoção de regras rígidas de segurança a fim de evitar acidentes. Por isso, é preciso saber muito bem o que é possível fazer na escola e adotar procedimentos seguros em todas as aulas. (DARIDO, *et al* 2018, p. 72).

Além da questão da segurança é preciso salientar o domínio das habilidades motoras necessárias para que a prática do *skate* aconteça. Esse fator, por vezes, faz com que o aluno que nunca teve acesso ao equipamento se sinta constrangido em experimentar. É preciso que o professor evidencie que o objetivo não é tornar os alunos atletas na modalidade, mas sim fazer com que a prática esteja presente e que seja algo significativo na vida dos estudantes. Antes que o aluno pegue o equipamento e saia com o skate, o professor pode apresentar vídeos e filmes que iniciem o conhecimento do aluno, “além disso, têm-se campeonatos de skate, BMX e diversas modalidades da mega rampa transmitidas na TV aberta, bem como por vários canais especializados nesse segmento esportivo na TV fechada” (SILVA, 2020, p. 25). Tanto o *Skate* como o BMX, que são campeonatos com bicicletas, envolvem a utilização das “mega rampas”, oferecendo aos seus praticantes diversas emoções e sentimentos, como também um trabalho diverso com a corporeidade. A cobertura de tais eventos pela mídia se torna um potencial canal para que tanto o aluno se interesse, quanto ele tenha um conhecimento prévio da modalidade.

A outra prática escolhida para análise nesta dissertação foi o *surfe*, que é definido como uma prática esportiva que ocorre na natureza. Sua execução consiste no deslize da prancha pelas ondas do mar e atinge diversos elementos da corporeidade. Seus praticantes sentem diversas sensações, sentimentos e emoções, pois essa prática de aventura desafia a coragem e superação de limites físicos, motores do praticante, relacionando-se intimamente com à natureza.

O *surfe* é apontado como uma das práticas corporais mais antigas do mundo, sendo assim percussora das PCA. De acordo com Bastos e Pereira (2017) o surgimento dessa prática

se deu na Polinésia, sendo executado pela monarquia como uma prática de lazer. O *surfe* era considerado um privilégio da monarquia da Polinésia, pois os reis não precisavam trabalhar e tinham várias horas livres no mar para a prática do esporte. Destacamos que desde seu surgimento o *surfe* é uma prática elitista, que não atinge a maioria dos trabalhadores e camadas mais populares. Bastos e Pereira (2017) apontam também que a chegada do *surfe* no Brasil se deu na década de 30, em Santos, no litoral paulista. Seu principal crescimento ocorreu no setor turístico e econômico, impulsionado pela ascensão dos hotéis, restaurantes e comércio da época, sobretudo pela expansão da venda do café do porto de Santos para a América do Norte e a Europa.

Ressaltamos que a prática do *surfe* tem passado por uma progressiva popularização nos últimos anos, chegando aos Jogos Olímpicos em 2021. Destacamos também, que o *surfe* é um esporte praticado no litoral e que exige, de modo geral, dinheiro para sua prática, visto que a prancha não é um equipamento barato. Assim, a prática do *surfe* não é muito viável para a realidade das escolas brasileiras, já que, necessita do mar e de equipamentos que a escola nem sempre possui. Porém, não podemos considerar que seu estudo não possa ser realizado, na medida em que os movimentos da modalidade podem ser realizados de maneira adaptada.

Apesar de não muito praticado pelos jovens que residem em determinadas regiões, sobretudo, longe do mar, o *surfe* vem se tornando cada vez mais popular, desafiando barreiras econômicas, podendo ser praticado por pessoas de diferentes classes sociais. Isso porque, histórias como a de Ítalo Ferreira, filho de pescador, que aprendeu a surfar com uma placa de isopor, têm influenciado milhões de praticantes e simpatizantes pelo mundo.

A popularização ocorre também, em alguns casos, pela influência midiática acerca do tema, já que essa prática se tornou tão conhecida a ponto de chegar aos Jogos Olímpicos, conforme expõe Silva (2020):

O surfe, como precursor das PCA, tem seu espaço ampliado nos mais diversos meios de comunicação social e nas mídias digitais por meio das recentes conquistas de mundiais por brasileiros, como Gabriel Medina e Adriano de Souza (Mineirinho). Como resultado da crescente visibilidade de tais manifestações, o Comitê Olímpico Internacional incluiu as práticas de aventura da Escalada, Surfe e Skate como modalidades nos próximos jogos Olímpicos de Tóquio em 2020. Tais fatos nos permitem vislumbrar novos panoramas a serem explorados também no ambiente escolar a partir de práticas que aproximem as crianças e jovens destas possibilidades (SILVA, 2020, p. 25).

Assim, as PCA se apresentam então, como uma forma de repensar os paradigmas da Educação Física, modificando não só o modo de trabalho dos professores, como também a

reação dos alunos com o ambiente em que estão inseridos e o corpo ao qual os pertencem e é pertencido. A partir do exposto, destacamos que as PCA vêm ganhando cada vez mais espaço, proporcionando mais debate sobre a cultura corporal no contexto escolar.

### 3. CINEMA E EDUCAÇÃO

Nesta seção fazemos uma relação entre cinema e educação e suas possibilidades dentro da escola como proposta pedagógica. A relação entre cinema e educação não é algo novo, em meados de 1930 foi criado no Brasil o Instituto Nacional de Cinema Educativo, com a intenção de promover e acompanhar a utilização do cinema como auxiliar do ensino, com o objetivo de uma construção de educação popular. O Instituto funcionou por três décadas e buscou potencializar os trabalhos e a produção do cinema no âmbito escolar.

Como proposta pedagógica, o cinema pode potencializar a dimensão cultural do estudante, além de ser uma forma de expressão e comunicação, a partir de uma percepção artística que provoca sentimentos. Assim, nesta seção nos ocupamos do pensamento cinematográfico e dimensão pedagógica do cinema.

#### 3.1.O PENSAMENTO CINEMATOGRAFICO

Vasconcelos (2008) aponta que o cinema pode ser entendido como uma experimentação de um pensamento, expressando um pensamento próprio, a partir da criação de pessoas reais, sendo, portanto, uma possibilidade real de interpretação de pensamento: “é possível não só pensar com o cinema, mas mostrar que o cinema pensa, inequivocamente por intermédio de seus realizadores” (VASCONCELOS, 2008, p. 156). O autor vai além e afirma que ademais do cinema pensar por meio da concretização verbal de suas cenas, ele também estimula a refletir a partir da sua constituição multimodal, com imagens, signos, sons e movimentos.

Por fomentar a reflexão e o pensamento, a partir de projeções reais do mundo, o cinema pode contribuir para a educação integral dos estudantes, é neste sentido que tomamos a dimensão pedagógica do cinema para proporcionar debates de situações que nem sempre podemos vivenciar na sala de aula, no nosso caso, as práticas corporais de aventura. Desta forma, Vasconcelos (2008) nos questiona: é possível constituir uma pedagogia das imagens cinematográficas?

Para responder ao questionamento, o autor se baseia na pedagogia da imagem de Jean-Luc Godard a partir do pensamento do cinema de Gilles Deleuze. Godard estabelece

relações entre o cinema e o pensamento, aproximando a arte da filosofia. De acordo com Vasconcelos (2008), Godard instituiu um cinema de pensamento, fomentando a “pedagogia da imagem”, na medida em que questiona o que são as imagens, como observá-las, como também o que revela da trama para além do que é dizível. Neste sentido, a pedagogia das imagens incita múltiplas formas de pensamento em uma relação estreita entre a arte e a filosofia.

O pensamento cinematográfico de Godard promoveu uma ruptura dos saberes no trato com as imagens, ocorrida, principalmente, a partir de três procedimentos: 1. O primeiro procedimento é o que podemos chamar de a apropriação do outro, ou ainda o discurso indireto livre. Nele, destacamos como o cineasta se apropria dos textos e dos discursos, fazendo uma articulação entre diversas ideias e promovendo o seu próprio pensamento; 2. O segundo procedimento é o chamado método do “entre imagens”, isto é, cada imagem não possui a verdade que se quer retratar, mas sim a junção delas, mais especificamente o que se encontra entre as imagens; 3. Por fim, o último procedimento é denominado “disjunção imagem-som”, isto é, não se estabelece uma situação de subordinação entre imagens e textos e vice-versa, assim há o que ele aponta como imagem-som.

Vasconcelos (2003) destaca que Godard não pretende descobrir as verdades que as imagens carregam, mas sim, propor um procedimento que auxilie na busca da compreensão dos sentidos que a imagem carrega. Dessa forma, como são procedimentos passíveis de serem estudados e ensinados, podem ser denominados como pedagogia da imagem, na medida em que pode auxiliar os espectadores em busca da construção de novos significados a partir da prática do pensamento cinematográfico, que une arte e filosofia a fim da promoção de reflexões.

Essa dinâmica pode contribuir significativamente para a educação na escola básica, na medida em que envolve questões multimodais, bastante presente nos meios digitais, os quais os alunos estão imersos. “A atual sociedade midiática lida não só com saberes diferentes, mas também com as mais variadas formas de propagação e mediação desses saberes. Assim, abre-se um leque de maneiras de aprendê-los” (TINÔCO; ARAÚJO, 2017, p. 835).

Os meios digitais, potencializados no período pandêmico, proporcionam a inserção de novas dinâmicas para a sala de aula, interferindo nas relações entre estudantes e professores. Assim, fomentar a análise de imagens, signos, sons e movimentos presentes nos filmes em sala de aula pode auxiliar o professor a se aproximar a realidade social dos

estudantes, que estão a todo o momento em contato com imagens, sons e textos interrelacionados entre si.

Não podemos deixar de considerar que o cinema surge como um dos símbolos da modernidade, sendo um grande marco do século XX, a princípio o cinema mudo, sem cores, hoje ganhou espaço, cores e sons, e passa cada vez mais a ilustrar nosso cotidiano, sendo um potencial recurso didático a ser trabalhado nas escolas.

Neste sentido, parece razoável pensar que o cinema deva participar das mais diversas possibilidades de expressão do homem, favorecendo sua reflexão crítica sobre o mundo. Logo, essa forma de expressão da cultura também poderia ser utilizada como um importante recurso didático na escola, pois, como expressão de seu tempo, poderia, por si só, ampliar o olhar dos alunos. (TINÓCO; ARAÚJO, 2017, p. 836).

Vale ressaltar que não basta a utilização do cinema para que seja uma prática reflexiva, é preciso explorar os recursos audiovisuais, de modo que sejam exploradas as questões didáticas – pedagógicas. O uso do cinema deve abarcar, assim, um comprometimento com a formação intelectual do aprendiz, alcançando sua potencialidade quanto ao fazer pensar, com isso “a linguagem cinematográfica, por ter uma rica tradição de representações de histórias, sons e imagens relacionadas aos conteúdos da Educação Física, em especial os esportes, surge como uma forte aliada à educação escolar” (TINÓCO; ARAÚJO, 2017, p. 836). Dessa maneira, é possível trabalhar diversas possibilidades de vivências, nem sempre possíveis de serem trabalhadas no ambiente escolar, fortalecendo a relação didático-pedagógica à vida dos estudantes.

O reconhecimento do uso do cinema em contexto escolar é legitimado pela legislação educacional vigente no Brasil, quando em 26 de junho de 2014, sob efeitos da Lei nº 13.006, foi acrescentado o 8º parágrafo ao Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), ficando estabelecido: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular que propõe o conhecimento agrupado por áreas do conhecimento reconhece o cinema como possibilidade de desenvolvimento da competência abaixo descrita, na área de arte, por exemplo, “Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada

linguagem e nas suas articulações” (BRASIL, 2017, p. 198). Dessa forma, como proposta interdisciplinar, o componente Educação Física, pode propor também tal possibilidade, numa perspectiva integradora da formação dos discentes.

Com isso, é possível afirmar que trabalhar cinema em sala de aula não se limita a um instrumento didático-pedagógico, mas funciona como um gerador de pensamento que fomenta a criticidade dos estudantes.

O objetivo do trabalho educativo na escola não é apenas o uso das tecnologias em laboratórios multimídia, e sim que a criança atue nesse e noutros espaços estabelecendo interações e construindo relações e significações. A mediação deve ser pensada também como forma de assegurar e/ou recuperar a corporeidade – o gesto, o corpo, a voz, a postura, o movimento, o olhar como expressão do sujeito – e a relação com a natureza como espaço vital através do qual se constroem sentidos. (FANTIN, 2007, p.02).

Diante do exposto, proporcionamos a reflexão do pensamento que contraponha a linguagem, filosofia e arte, formando corpos questionadores das subjetividades sociais que os filmes podem carregar. Entendemos assim, que o cinema, como tecnologia da informação e comunicação (TIC) contribui para a formação do pensamento crítico e criativo. Belloni (2009) enfatiza que as mídias podem contribuir de forma significativa para a escolarização. De acordo com a referida autora, as tecnologias impulsionam uma educação para a cidadania: “educação para a cidadania, sendo um instrumento fundamental para a democratização de oportunidades educacionais e do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades sociais” (BELLONI, 2009, p.12). Dessa forma, ressaltamos as possibilidades pedagógicas que o cinema pode proporcionar, contribuindo para uma Educação Física crítica e reflexiva, conforme veremos no próximo tópico.

### 3.2. O CINEMA COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA

A partir do pensamento de Saviani (2012), que defende uma formação que valoriza os significados históricos e sociais na escola, marcamos nosso posicionamento em defesa de uma educação contra hegemônica. De igual modo, corroboramos com a educação libertadora de Freire (2016, p. 93) que ressalta “o que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados”. Neste viés, alinhamo-nos a propostas pedagógicas que proponham a formação crítica e integral dos

estudantes, ajudando-os a refletir sobre a si mesmos e a sociedade que os rodeia. Para isso, entendemos que é necessária a construção de propostas pedagógicas humanizadas, que sejam potenciais ferramentas para transformações sociais.

Dessa forma, é possível questionar como o cinema pode contribuir com essa proposta de educação, uma vez que o cinema, em sua finalidade, não foi pensado para servir, especificamente, à prática pedagógica formal das escolas de educação básica. Como vimos na seção anterior, o cinema é uma arte, porém não podemos esquecer que muitas vezes, essa arte serve a um mercado consumidor: “Produzir cinema carrega uma polissemia que compreende desde as intenções estéticas populares até determinados interesses da indústria cultural” (COSTA; WIGGERS, 2019, p. 40).

Entretanto, o fato de não ser criado com finalidade pedagógica, não significa que não possa ser usado para tal fim, afinal, o cinema apresenta uma possibilidade de pensamento da vida, que muitas vezes se estreita bastante com a realidade de nossa sociedade, ao mesmo tempo, o cinema possui uma linguagem polissêmica, que estimula o pensamento crítico e relacional a partir de variadas possibilidades de compreensão: “[...] a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos”. (FANTIN, 2007, p. 01). Dessa forma, a linguagem cinematográfica tem potencial de alcançar diferentes públicos que podem se sentir atraídos por suas variadas possibilidades de leitura e compreensão.

A sala de aula não é uma sala de cinema. Talvez por isso mesmo possa se constituir em um outro ambiente, que não é nem um nem outro, nem a simples soma dos dois. Pode se transformar em algo novo, tão ou mais rico em possibilidades expressivas e reflexivas: os filmes, na escola, são projetados em telas de tevê e o videocassete proporciona outras formas de ver. Pode-se parar o filme, voltar a fita, ver novamente. Acontece uma outra relação com os filmes que, no cinema, uma vez iniciados, seguem certo percurso espaço-temporal sem ser interrompido. Ainda que o espectador possa levantar e sair da sala, o filme prossegue [...] (COUTINHO, 2002 p. 37).

Com isso, percebemos que o cinema como proposta pedagógica, necessita mover conhecimentos dos estudantes, de modo a fomentar a construção de novas perspectivas, ou seja, o professor deve atuar como mediador, incentivando que o estudante pratique sua leitura e percepção crítica. Dessa forma, ao escolher o filme, é fundamental que o professor considere a temática escolhida, o conteúdo e a linguagem, de modo que tenha relação com o seu componente curricular e o seu público-alvo.

Costa e Wiggers (2019) apontam três categorias a serem consideradas em práticas educacionais que proponham o trabalho com o cinema. A primeira categoria se refere ao *conteúdo curricular*, é inegável que o conteúdo do filme escolhido, deve se relacionar com o componente curricular que o professor esteja responsável, além disso, os autores ressaltam a pertinência do trabalho interdisciplinar, proporcionando uma formação integral dos estudantes.

A segunda categoria proposta pelos autores são as *habilidades/competências* a serem exploradas a partir da exibição fílmica. O professor pode pensar em atividades e propostas que levem o estudante a praticar habilidades escolares, que possam contribuir para seu crescimento escolar e pessoal, é possível explorar habilidades e competências como: “leitura e produção de texto, capacidade narrativa e descritiva, decodificação de signos e códigos não-verbais, bem como aperfeiçoamento criativo artístico e intelectual” (COSTA; WIGGERS, 2019, p. 41).

Por fim, Costa e Wiggers (2019) apontam *os conceitos* como a terceira categoria ao utilizar o cinema como proposta pedagógica. O professor deve entender que o filme escolhido pode suscitar a reflexão dos estudantes de modo a ampliar as discussões acerca da temática apresentada. Dessa forma, é preciso que os argumentos apresentados pelo filme sejam explorados, a partir dos interesses e expressões dos estudantes.

Costa e Wiggers (2019) apontam também uma sequência didática de quatro atividades como possibilidade de trabalho com o filme no ambiente escolar. Ao pensarmos o cinema como prática pedagógica devemos considerar o entorno e a realidade escolar, sem esquecer da perspectiva histórica que nos rodeia, conforme defendido por Saviani (2012), Ao mesmo tempo, não podemos esquecer a natureza do cinema e sua proposta artística. Assim, as etapas propostas pelos autores buscam esse equilíbrio e relação entre cinema e educação.

A primeira atividade seria a *sensibilização* que consiste na apresentação dos filmes, bem como as temáticas que serão abordadas, para que os estudantes já possam observar no filme o que mais se aproxima do objetivo da aula. Além disso, entendemos que a sensibilização contribui para levantar os conhecimentos prévios dos estudantes, contribuindo grandemente com a compreensão e interpretação do enredo. A segunda atividade consiste na *apreciação dos filmes*, que pode ocorrer em ambiente escolar ou pode ser uma atividade para casa, dependendo do tempo e recursos que a escola e os estudantes possuam.

A terceira etapa é feita por meio de uma *produção escrita* que deve buscar compreender o entendimento do filme, por meio de perguntas específicas que auxiliem os estudantes a traçar relações entre o filme e a temática que se pretende abordar, assim, os

estudantes têm tempo de reflexão individual, que contribuirá com a quarta e última atividade, que consiste na *reflexão e o debate*. Nesta última fase, os estudantes podem se expressar e escutar as interpretações dos colegas, ressaltando o conteúdo fílmico e sua interpretação, a partir do cotejamento entre o assistido e o vivenciado nas práticas em sala de aula.

Salientamos que a mediação pedagógica do cinema pode contribuir para a compreensão, por parte dos estudantes, de que os conteúdos da educação física, embora representativos de uma experiência corporal, devem ser problematizados (COSTA; WIGGERS, 2019, p. 45).

Assim, o cinema, como parte da cultura midiática, pode contribuir de modo significativo com a perspectiva crítica dos estudantes envolvidos, influenciando na forma de ver-se e estar no mundo. Para Fantin (2012) os cursos de formação de professores precisam não apenas considerar comunicação, mídia e tecnologia, mas também pesquisá-los, praticá-los e aprimorá-los no sentido de uma relação libertadora com a mídia. Quando consideramos que a comunicação deve existir na formação de professores, estamos nos referindo ao trabalho de mídia-educação, entendido como baseado em perspectivas críticas, instrumentais e expressivas, com e pelas mídias para educar/sobre as possibilidades das mídias, essa visão de mídia-educação implica em adotar uma postura “crítica e criativa” de comunicação, expressão e competência relacional, avaliando ética e esteticamente o que a mídia tem a oferecer, interagindo significativamente com seu trabalho, produzindo mídia e educação para a cidadania.

Neste sentido, destacamos uma perspectiva crítica para a prática pedagógica em Educação Física, na qual há uma reflexão sobre a ação, contribuindo para a compreensão de si mesmos e o desenvolvimento da competência comunicativa e argumentativa dos estudantes. Ressaltamos que o uso das mídias, no caso o filme, pode contribuir significativamente para a perspectiva histórico-crítico (SAVIANI, 2012), visto que a utilização do filme fomenta uma formação contextualizada proporcionando a extensão de significados históricos e sociais na dinâmica da sala de aula.

## 4. TRAÇANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção apresentamos os caminhos percorridos para alcançar os objetivos e responder à pergunta de partida desta pesquisa. Por este motivo, a seção metodológica traçou as ações, bem como os fundamentos para a obtenção e análise dos dados. Vemos, nas subseções a seguir, o detalhamento deste caminho que envolve a abordagem e o tipo de pesquisa.

### 4.1. ABORDAGEM DE PESQUISA

Metodologicamente a natureza deste estudo foi qualitativa, pois, se buscou compreender as práticas corporais de aventura presente na análise dos filmes. Segundo Neves (1996, p. 2): “os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos”.

De acordo com Minayo (2001), a abordagem qualitativa “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2001, p. 22). Assim, esse estudo não se centrou na quantidade seja de filmes ou práticas, mas sim, nos significados e relações apresentadas na sua realidade e no seu contexto aos dois filmes escolhidos.

Para Lüdke e André (2013) a pesquisa qualitativa, no contexto da educação, proporciona diversas contribuições na estrutura do processo educacional por promover a compreensão da aprendizagem, ressaltando a dimensão humanizada das instituições escolares. A pesquisa qualitativa, com seu papel problematizador da realidade, pode oportunizar novas visões para a sociedade e estimular a construção de uma pauta para uma comunidade equitativa.

No campo específico da Educação Física, segundo Silva, Velozo e Rodrigues Jr, (2008), nas últimas décadas os estudos qualitativos têm se intensificado. O corpo já não é exclusivamente visto como um objeto sistêmico, cujas referências teórico-metodológicos partem exclusivamente das Ciências Naturais. Uma pesquisa qualitativa em Educação Física:

Implica justamente compreender a aula como prática social que depende da interação entre os sujeitos envolvidos, sobretudo professores e alunos, de suas visões de mundo, vivências e compreensões a respeito do corpo e das influências que circulam no meio em que ambos estão inseridos, demarcando certa intenção e certo projeto para a realização dessa intenção, expresso pela ação pedagógica (SILVA; VELOZO; RODRIGUES JR, 2008, p. 47).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa em Educação Física, ressalta a dimensão social que o objeto de estudo possui. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, e se ocupa de investigações que não podem ser quantificadas, conforme informado Minayo (2001):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

Corroboramos com a autora Minayo (2000), na medida em que ela enfatiza os múltiplos significados que a pesquisa qualitativa pode alcançar, englobando motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, questões que não podem ser quantificadas. Dessa maneira, percebe-se que a investigação social deveria contemplar consigo o viés qualitativo das pesquisas. Segundo Minayo (2000), a pesquisa qualitativa tem ganhado cada vez mais espaço, sobretudo no campo da Sociologia, preocupa-se em explicar as relações sociais, uma vez que a ação do homem é atravessada pelos significados e papéis que lhes são atribuídos.

Para a autora, os dados qualitativos permitem formular e reformular as teorias do conhecimento, uma vez que o pesquisador coloca interrogações que vão sendo discutidas durante o próprio curso da investigação. As hipóteses são criadas e reformuladas, em busca de compreensão das correlações e mediações dos objetos em questão. Nesse cenário, as hipóteses servem para confrontar a realidade estudada, não possuindo apenas um papel de comprovação da pesquisa.

O caminho das pesquisas qualitativas nem sempre é evidente, visto que é possível haver alterações em seu percurso, assim, a pesquisa qualitativa deve permitir flexibilidade e mobilidade de acordo com as criações e reformulações das hipóteses. Isso não significa que a subjetividade desta pesquisa altere sua credibilidade na construção do conhecimento científico, porém, como afirma Minayo (2000), considera-se a subjetividade parte integrante da singularidade do fenômeno social.

Deste modo, a abordagem qualitativa ocupa-se do estudo das relações, das percepções, das representações, da história, das opiniões e das crenças, sendo produto das interpretações que os seres humanos fazem, pensam, sentem, vivem e de como constroem seus artefatos e a si mesmos (TURATO *et al*, 2008). As pesquisas caracterizadas como qualitativas são capazes de incorporar a intencionalidade e os significados como sendo inerentes às estruturas sociais, às relações, e aos atos, evidenciando as transformações, como construções humanas significativas (BARDIN, 1977).

A pesquisa qualitativa permite, assim, explorar processos sociais ainda pouco conhecidos, sobretudo os referentes a grupos sociais particulares. Em outras palavras, é possível a criação de novos conceitos e categorias, como também, a criação de novas abordagens, proporcionando, segundo Minayo (2007), um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, direcionado à compreensão da manifestação do objeto de estudo.

Assim, em nosso caso, as práticas corporais apresentadas na linguagem do cinema, são analisadas em seu contexto sociocultural, estando presente uma dimensão individual e coletiva, “o que torna o sujeito parte de uma sociedade é o modo como ele identifica essas marcas, as significa, de como quer ser visto” (SILVA; VELOZO; RODRIGUES JR., 2008, p. 47).

A partir do exposto, salientamos ainda o paradigma interpretativista da pesquisa qualitativa, visto que este paradigma “apresenta uma visão subjetiva, a partir da crença de que a realidade é socialmente construída por meio das interações pessoais” (ROCHA-PINTO; FREITAS; MAISONNAVE, 2008, p. 03). Assim, consideramos os fatores subjetivos, sobretudo relacionados à educação e às práticas corporais.

Nosso trabalho é descritivo na medida em que busca explorar os aspectos analisados nos filmes selecionados. Para Triviños (1987) esse tipo de estudo almeja descrever os fenômenos e fatos da realidade elegida para a pesquisa, demandando do investigador um conhecimento do que se estuda.

Conforme aponta Gil (2007), a pesquisa do tipo descritiva, caracteriza-se como uma análise profunda que busca descrever, interpretar e classificar o objeto de estudo. Este tipo de pesquisa utiliza técnicas sistematizadas, analisando detalhadamente fatos e fenômenos. Assim, busca-se descrever as características de um fenômeno, uma população ou uma experiência de determinado estudo realizado. Em nosso caso, buscamos descrever os filmes selecionados e sua relação com as práticas de aventura e a educação. Nesta perspectiva, para a concretização desta metodologia, fizemos uma análise temática dos filmes apresentada a seguir.

## 4.2. ANÁLISE TEMÁTICA

Nessa pesquisa optamos por adotar a análise de conteúdo, a partir do método de análise temática, assim buscamos compreender as práticas corporais de aventura presentes nos filmes pesquisados e sua relação com a educação. De acordo com Oliveira (2008), a análise de conteúdo possui diferentes técnicas que podem ser levadas em consideração na hora da construção de um trabalho científico, sendo influenciada pela vertente teórica e objetivos que se pretende alcançar. São elas: i. análise temática ou categorial; ii análise de avaliação ou representacional; iii análise de enunciação; iv. análise da expressão; v. análise das relações ou associações; vi. análise do discurso; vii. análise léxica ou sintática; viii. análise transversal ou longitudinal; ix. análise do geral para o particular; x. análise do particular para o geral; xi. análise segundo o tipo de relação mantida com o objeto estudado; xii. análise dimensional; xiii. análise de dupla categorização em quadro de dupla entrada; dentre outras.

A análise temática de conteúdo, segundo Minayo (2007), é dividida em três etapas sendo denominadas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/ interpretação.

A pré-análise consiste na leitura flutuante, constituição do corpus, formulação e reformulação de hipóteses ou pressupostos. A leitura flutuante é o primeiro passo de contato intenso e direto com o material a ser analisado, nesse momento pode surgir a relação entre (hipótese- ou pressupostos iniciais) - e as teorias que se relacionam ao tema.

Oliveira (2008) defende que a delimitação do corpus a ser estudado se relaciona com o universo de estudo, sendo necessário considerar critérios de validade qualitativa, como a exaustividade (esgotamento da totalidade do texto), a homogeneidade (clara separação entre os temas a serem trabalhados), a exclusividade (um mesmo elemento só pode estar em apenas uma categoria), a objetividade (qualquer codificador consegue chegar aos mesmos resultados) e a adequação ou pertinência (adaptação aos objetivos do estudo).

Na etapa de pré-análise, o pesquisador realiza a formulação e reformulação das hipóteses, sendo caracterizada como uma etapa exploratória, que se faz pela leitura exaustiva do corpus de análise e retomada dos questionamentos iniciais. Segundo Oliveira (2008), ainda na pré-análise, são elaborados os indicadores que sustentarão a interpretação final do trabalho. Em nossa pesquisa, a pré-análise consistiu na busca dos filmes, que explicamos a seguir.

Passada a pré-análise, a fase subsequente é denominada exploração do material. Nessa fase, o investigador busca encontrar as categorias que organizam o trabalho. De acordo com Minayo (2007) a categorização consiste num processo de redução do texto às palavras e

expressões significativas. Segundo a autora, a vertente tradicional da análise temática inicia por esta fase de categorização, extraindo do filme as unidades de registros que podem ser apresentadas como constituir palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos, indicados como relevantes para pré-análise. Bardin (1977) detalha esse processo e salienta que o pesquisador determina as regras para contagem das categorias por codificação ou índices quantitativos, para na sequência, o pesquisador realizar a classificação e agregação dos dados, determinando as categorias a serem utilizadas. Após a seleção das categorias, o investigador interpretará e poderá interferir estabelecendo relações entre as categorias e a proposta teórica delimitada para o trabalho, podendo até mesmo sugerir novas visitas (MINAYO, 2007).

A nossa pré-análise consistiu na busca dos filmes para este trabalho se materializou em uma ampla e uma minuciosa pesquisa de longa-metragem com a temática relacionada às práticas corporais de aventura e cinema, nas plataformas de *streaming*: Netflix, HBO, Amazon Prime e Youtube. A partir deste levantamento, encontramos os seguintes títulos:

Quadro 2: Filmes prévios encontrados

<b>Título/Ano</b>	<b>Plataforma</b>	<b>Prática abordada</b>
Imensidão azul (1988)	Amazon prime	Mergulho
Na pista da morte (1989)	Youtube	Skate
Caçadores de emoções (1991)	Amazon prime	Surf
Tá dando onda (2007)	HBO	Surf
127 horas (2010)	Youtube	Alpinismo
Soul Surfer- Coragem de viver (2011)	Netflix	Surf
Evereste (2015)	Netflix	Alpinismo
A escalada (2017)	Netflix	Escalada
Uma skatista radical (2021)	Netflix	Skate

Fonte: Elaboração própria, (2022).

Após o levantamento realizado, decidimos optar pelos filmes: “Uma Skatista Radical” e “Soul Surfer: Coragem de Viver”. A escolha das obras se deu pela inter-relação dos movimentos fundamentais de ambos os esportes, além disso, buscamos priorizar uma prática corporal de aventura realizada no ambiente urbano e outra na natureza. Assim, *surfe* e *skate* se complementam e contribuem para uma análise ampliada dos movimentos fundamentais de ambas as práticas.

Dentre os filmes de *skate*, o selecionado foi “Uma Skatista Radical” por apresentar didaticamente o conceito do esporte como também explicitar o envolvimento da personagem principal do filme e o aprendizado dos principais movimentos da prática, indo de uma prática amadora até a profissionalização da modalidade. Consideramos, desta forma, que o filme explora didaticamente a prática escolhida. Já o outro filme, “Soul Surfer: Coragem de Viver”, foi selecionado pela demonstração de superação e reaprendizagem que a personagem principal passa ao ter que se adaptar para realizar o surfe após perder um dos membros superiores. Com isso, apesar de ser uma profissional do esporte, o filme detalha a estreita relação com o entendimento do corpo para o domínio da prática após o acidente.

Em nossa pesquisa, na etapa de exploração do material, fizemos a pré-análise, por meio da seleção dos capítulos e cenas dos filmes que estiverem relacionados às práticas corporais de aventura, especificamente as cenas que apresentaram o uso dos equipamentos de segurança, como também as que trouxeram a realização dos movimentos fundamentais dos esportes, para assim partir para a interpretação dos resultados obtidos. A partir dessa seleção de cenas, constituímos as categorias que foram analisadas em nosso trabalho.

A partir disso, sintetizamos nossa proposta de análise da pesquisa nas seguintes fases:

**Fase 1:** Nesta primeira fase, denominada de pré-análise, fizemos a seleção e descrição dos filmes. Apreciamos os elementos característicos do filme, como cenas, análise fílmica, sons, imagens, ângulos, cores, movimentos que contribuíram para a nossa percepção sobre a temática explorada, exercício que foi fundamental para a realização da fase seguinte.

**Fase 2:** Nesta fase, de exploração do material e de tratamento dos resultados obtidos, analisamos as cenas que enfatizam o uso dos equipamentos de segurança, como também a sua relação para a prática dos esportes surfe e skate.

**Fase 3:** Neste momento, também fizemos a exploração do material por meio da análise das cenas que apresentaram os movimentos fundamentais dos esportes, bem como realizamos a interpretação dos resultados obtidos e sua relação com a educação.

### 4.3.O CAMPO EMPÍRICO

Para este trabalho, entendemos o campo empírico como uma "[...] face empírica e fatural da realidade; [que] produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural" (DEMO, 2000, p. 21). Neste sentido, o conhecimento empírico se constitui, em outra forma de conhecer e de se colocar no mundo, possibilitando uma "[...] maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base fatural. O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática" (DEMO, 1994, p. 37). A partir desta perspectiva, apontamos os dois filmes selecionados como nosso campo empírico de investigação, o qual nos aprofundamos.

Assim, a análise do nosso campo empírico, ou seja, a materialidade dos filmes selecionados deve ser “baseada na percepção sensível dos pesquisadores que se debruçam sobre um determinado objeto buscando apreender a sua essência, uma vez que estas são fundamentais para gerar o conhecimento científico nas áreas humanas e sociais” (DENCKER, 2011, p. 2.). Dessa maneira, a pesquisa empírica possibilita dar visibilidade aos detalhes, imagens, sons, cores, cenas, bem como a perspectiva social que está presente nos filmes, estimulando inclusive a percepção do pesquisador, que deve tornar-se sensível aos aspectos que observam.

Considera-se neste trabalho que o campo empírico é fundamental, na medida em que o contato direto com a análise temática dos filmes desperta sentimentos peculiares a cada novo olhar que podem ser explorados e ressignificados. “É dessa perspectiva, única para cada um de nós, que observamos e interpretamos os fatos que percebemos pelo tato, pela visão, pelo ouvido” (DENCKER, 2011, p. 3).

Dessa forma, não pretendemos trazer verdades universais, mas sim uma possibilidade de análise de uma pesquisadora. Assim, do primeiro filme, “Soul Surfer - Coragem de Viver”, exploramos o surfe, do segundo, “Uma Skatista Radical”, o skate. tais práticas foram escolhidas por se tratar de práticas corporais em ambientes distintos (prática corporal de aventura na natureza e na cidade) o que engloba com totalidade os tipos de PCA apresentadas na BNCC (BRASIL, 2018). Sabemos que existem outras práticas de aventura que poderiam ser exploradas, mas, julgamos que o surfe e o skate trabalham de forma semelhante o corpo em ambientes distintos, contribuindo para a análise proposta. Além disso, as duas modalidades ganharam visibilidade, após entrarem para os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021. Por meio desses filmes podemos analisar categorias que estão subtendidas

nos roteiros. Buscamos as cenas que enfatizem o uso dos equipamentos de segurança e os movimentos fundamentais dos esportes e sua relação com a educação que afetam diretamente a possibilidade de realização ou não das práticas corporais propostas.

## 5. CORPOS EDUCADOS EM IMAGEM E MOVIMENTO

Nesta seção apresentamos os filmes escolhidos para esta pesquisa. Inicialmente realizamos uma descrição dos filmes com base na narrativa apresentada nos longas metragens, concomitantemente descrevemos a história contada em cada um dos filmes, evidenciando os aspectos técnicos como sons, imagens e dados de produção cinematográfica. Nela apresentamos as cenas escolhidas evidenciando as práticas corporais de aventura e suas possibilidades educativas para o ensino da Educação Física escolar.

Na sequência, realizamos a análise dos filmes propostos, evidenciando: *i.* os movimentos fundamentais do *surfe* e do *skate* e sua relação com a prática pedagógica; *ii.* os equipamentos de segurança: do cuidado com o corpo ao contexto socioeconômico e *iii.* O cinema na sala de aula: manifestações culturais e questões de gênero. Ao longo do texto, salientamos as proximidades entre homem e natureza, em busca de uma educação crítica e humanizada.

### 5.1. ANALISANDO: ELOS POSSIVÉIS ENTRE FILMES, EDUCAÇÃO E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA.

Apresentamos a seguir a análise de filmes que trazem uma abordagem das PCA, que podem ser adequadas com a realidade da escola: “[...] ressalta-se que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais. Isso significa dizer que as mesmas podem ser transformadas no interior da escola” (BRASIL, 2017, p. 217). Assim, consideramos que apresentar as PCA através da linguagem do cinema, é uma possibilidade tanto para os alunos que têm a oportunidade de discussões mais distantes da sua realidade, quanto para a escola, que enriquece a construção do conhecimento fornecido aos alunos. Assim:

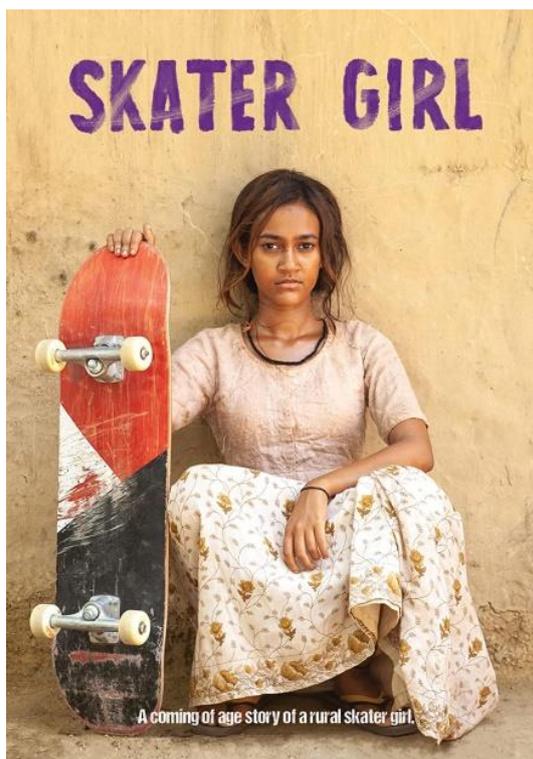
Nota-se que em “sociedades audiovisuais” como a nossa, o acesso ao cinema e, indo mais além, o domínio da linguagem cinematográfica nas suas singularidades, pode auxiliar e enriquecer a compreensão do corpo e sua educação na escola. E se compreendermos a educação imersa numa sociedade audiovisual, a interpretação filmística e sua apropriação adquirem relevância dentre os saberes escolares (DUARTE, 2002, p.17).

Dessa forma percebemos que, proporcionar o acesso aos jovens à produção cultural, traz benefícios não somente para a escola, como também para a sociedade como um todo. Assim, selecionamos dois filmes que busquem a relação PCA por meio educativo, evidenciando aspectos que estão presentes na nossa sociedade.

Os dois filmes aqui analisados, “Uma skatista radical” (Índia – 2021), e “Soul Surfer: Coragem de viver” (Estados Unidos da América, 2011), foram escolhidos por conterem temáticas relevantes para a área da Educação e principalmente por permitirem explorar relações entre o corpo e prática corporais. Na sequência, após a descrição dos filmes a partir da visão da pesquisadora, ressaltaremos três aspectos: os movimentos fundamentais do *surfe* e do *skate* e sua relação com a prática pedagógica; os equipamentos de segurança, relacionando o cuidado com o corpo e os fatores socioeconômicos e, por fim, evidenciaremos o cinema na sala de aula, as manifestações culturais e questões de gênero.

#### 5.1.1. Uma Skatista radical

**Figura 1:** Cartaz do filme “Uma skatista radical”



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-289510/fotos/detalhe/?cmediafile=21824524>

“Uma skatista radical” é uma produção que está disponível no canal de *streaming* Netflix e foi estreada em 11 de junho de 2021. Com duração de 1 h 48 min e indicação de classificação para criança de 10 anos, o filme, tem como gênero o drama esportivo e foi dirigido por Manjari Makijany. A trama conta a estória da adolescente Prerna interpretada pela atriz, Rachel Gupta. No filme, estamos na vila de Khempur, no norte da Índia, Prerna mora com seus pais e seu irmão mais novo, e a família segue fielmente a tradição indiana. Com um roteiro impecável a produção indiana emociona e traz a dura realidade daquela região. No começo da história a adolescente passa por uma situação de não conseguir frequentar a escola, isso porque seus uniformes estão em más condições. Porém, em nenhum momento esse fator é um problema para a família da garota, já que Prerna está na idade de casar, estando assim prometida em casamento para alguém.

O rumo da produção começa a mudar com a chegada da publicitária Jessica, uma inglesa interpretada pela atriz Amy Maghera. À procura de sua identidade, Jessica chega à região para saber mais sobre a infância de seu falecido pai. É nesse momento que se depara com a dificuldade de sair de uma cidade grande para explorar uma pequena cidade interiorana. O irmão mais novo de Prerna joga lama em Jessica e a adolescente tenta ajudá-la, levando-a até uma fonte com água. Aos poucos Jessica vai se encantando pela pequena cidade e a sua amizade com Prerna vai crescendo. A menina conta que faz trabalho doméstico, no campo e no mercado, e Jessica conversa sobre a importância dos estudos. Diante da situação da adolescente, Jessica lhe oferece um novo uniforme para que assim a menina possa retornar às lições, mesmo sofrendo ataques dos colegas.

Ao explorar as regiões, Jessica vê uma criança brincando com um carrinho de rolimã, brinquedo muito popular na localidade e fica impressionada com a aparência próxima do brinquedo com um *skate*. Jessica vê ali uma oportunidade de apresentar um novo esporte àquelas crianças da região, e com o coincidente encontro de seu amigo, o norte-americano Erick (Jonathan Readwin), surge uma oportunidade de ambos ajudarem as crianças, implementando uma cultura deste esporte naquele espaço. Porém de início a população mais tradicional da região não foi favorável à implantação dessa nova modalidade, já que fugia de seu controle e domínio, sendo um fator de risco para a tradição do lugar.

Aos poucos Jessica vai comprando os equipamentos necessários para a prática do esporte, e cada vez mais Prerna vai se apaixonando pelo *skate*. Questões de segurança e risco são abordadas no filme no momento em que a adolescente torce o pé ao cair do *skate*, momento em que Jessica percebe que precisa comprar capacetes, cotoveleiras e joelheiras para a proteção das crianças. O sonho vai se tornando cada vez mais realidade, e ainda que

fatores externos atrapalhem, como o incômodo dos vizinhos ao verem as crianças andarem de *skate* nas calçadas, a paixão de Perna e das crianças do local pelo esporte já está consolidada, ajudando a superar as limitações com a criação de regras para o uso do *skate* na região.

Após o início do aprendizado o sonho fica cada vez maior e Jessica inicia uma batalha para que possa construir uma pista de skate, possibilitando que essa prática corporal possa se tornar o futuro de alguns moradores da região. Perna agora tem uma escolha difícil entre se conformar com as expectativas da sociedade em relação à ela, colocando em pauta, as disparidades na Índia, econômicas, da cultura de castas, casamentos arranjados, educação rígida, tradicional, ou realizar seu sonho de competir no Campeonato Nacional. Nesse momento podemos perceber que a mensagem transmitida pelo filme é de que é preciso ter coragem para sonhar e ter liberdade para desejar o que mais faz feliz, principalmente se isso vier de um *skate*.

Mas, infelizmente, os pais de Perna não lhe deram o apoio necessário. Para eles, a filha deveria se casar, assim, acordaram um casamento justo no dia do campeonato, com o objetivo de impedi-la de participar da competição. Em uma cena fortíssima e emocionante, “Perna foge de ser apresentada para pretendentes para competir no Campeonato de Skate, mostrando para a sua família o quanto é feliz e apaixonada no esporte. Uma cena incrível de quebra de padrões e o encontro de sua liberdade” (OLIVEIRA, 2021, s.p). O drama se encerra como um filme de contos de fadas em que a mocinha sempre se dá bem e consegue viver “feliz para sempre”.

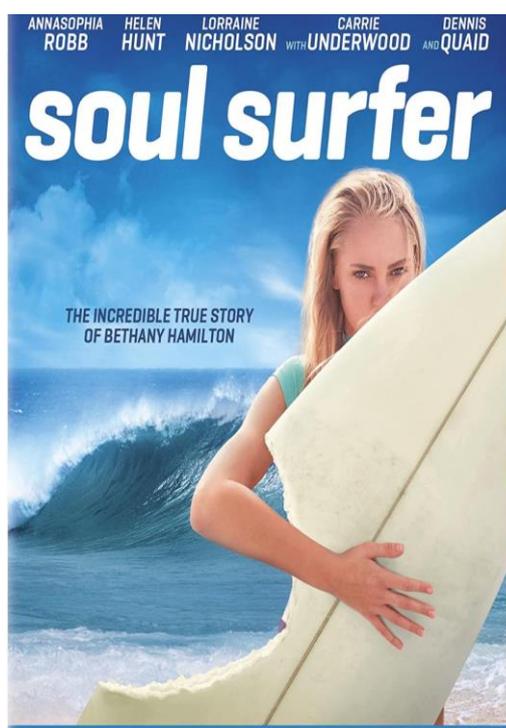
Nesse filme podemos evidenciar o destaque para as cenas emocionantes e trilha sonora *pop* liderada por boas canções como *Shine on Me* e *Maari Chhalangein* gravadas por *Salim-Sulaiman*, dupla de cantores e compositores da Índia, especialmente para o filme, agradando assim os mais jovens e deixando uma boa impressão. Podemos destacar também a produção de Manjari Makijany, já que este filme é sua primeira produção como diretora, marcando assim seu lugar com grande maestria.

Ela é mais conhecida por seus curtas-metragens premiados, como *The Last Marble* que estreou no *Seattle International Film Festival* e recebeu muitos elogios da crítica e também *The Corner Table*, o curta-metragem de 24 minutos ganhou os prêmios de "Melhor Ator" e "Menção Especial do Júri" no Festival de Cinema *Dada Saheb Phalke* em Nova Delhi (2014) e foi indicado para "Melhor Filme". Makijany foi uma das oito mulheres escolhidas para participar do *Workshop de Direção Feminina* do Conservatório *American Film Institute*, em 2016. Ela é a segunda mulher indiana a participar do programa desde sua criação em 1974.

A diretora soube dar um toque especial à estória e tratar bem os personagens e sua evolução. A jornada de Perna é cuidadosa, poética e emocionante. A força da mulher indiana vem com um olhar diferente, já que a própria diretora é um exemplo de mulher independente e livre. Essa mesma impressão temos de Perna e Jessica, o que nos mostra a grande pretensão da diretora em dar ênfase na força que a mulher, independente de cultura, tem.

### 5.1.2. Soul surfer- Coragem de viver

**Figura 2:** Cartaz do filme “Soul Surfer - Coragem de Viver”



Fonte: <https://filmow.com/soul-surfer-coragem-de-viver-t19485/>

O filme “Soul Surfer – Coragem de Viver” foi lançado em 8 de abril de 2011 nos Estados Unidos da America, com duração de 1 h 46 min e classificação indicada para 10 anos, é um filme que emociona e encanta o público consumidor. A classificação do gênero do filme é o drama bibliográfico, nele é contada a história real de uma adolescente, Bethany Hamilton, que tem um talento natural para o *surfe*. A menina que nasceu no Havaí, vem de família surfista, seus irmãos, pais e sua melhor amiga moram ao lado da praia e todos os dias separam um tempo para a prática corporal.

Bethany sempre se mostrou muito talentosa para o esporte e desde os 4 anos de idade já surfava nas imensas ondas havaianas, desde então menina começou a se preparar para participar das competições que aconteciam na região e aos 8 anos de idade venceu a sua primeira competição de *surfe*. Bethany apresentava a todo o momento do filme uma relação muito íntima com a natureza, mostrando assim um domínio da prática.

No filme, a relação de Bethany com sua amiga Alana é muito saudável, as duas têm a mesma relação de amor pelo esporte e vivem em torno da prática. As duas além de participar de várias competições, sempre são as que sobem ao pódio. Aos 13 anos de idade Bethany, Alana e seu pai saem para surfar e treinar para uma competição que estava próxima, porém a adolescente Bethany foi brutalmente atacada por um tubarão-tigre, de cerca de cinco metros de comprimento, que arrancou seu braço esquerdo, deixando-a em extremo perigo de não sobreviver. No filme as cenas do acidente são relatadas de maneira dramática e conturbadas, o pai de Alana age rapidamente e leva a garota, acidentada, para o hospital, onde fica internada por cerca de uma semana. As questões religiosas são evidenciadas neste momento do filme em que os personagens se concentram nas orações para a recuperação rápida da menina.

Bethany enfrentou vários dilemas após a recuperação, pela possibilidade de não poder fazer o que mais gostava (surfar), e mesmo sabendo que enfrentaria um grande desafio, a adolescente decidiu continuar com a prática do esporte. Com o apoio de seus pais e de sua melhor amiga a menina conseguiu aos poucos voltar a prática do *surfe*, porém algumas adaptações foram necessárias para que ela pudesse praticar o esporte. Uma delas foi a adaptação da prancha que somente com uma mão Bethany não conseguia passar pelas ondas para chegar ao ponto, onde existiam as grandes ondas. Assim seu pai colocou uma alça na prancha, possibilitando que a menina passasse os obstáculos até o fundo da praia.

Durante o filme Bethany participou de diversas competições, conseguindo até patrocínios de uma famosa marca de materiais específicos de praia e surfe, mesmo após o acidente Bethany teve um excelente desempenho nas competições e a famosa marca resolveu manter o seu patrocínio, o que lhe proporcionou ganhar competições fora do seu estado. Vale ressaltar que no começo as adaptações não foram fáceis, porém, com o passar do tempo, ela foi se acostumando com a nova maneira de surfar e com a mudança de seu corpo para que pudesse obter o novo domínio corporal.

Bethany Hamilton já na vida adulta se torna uma competidora de alto padrão e mesmo sem um braço nunca aceitou participar das competições na categoria de deficientes, pois não se achava incapaz de realizar nenhum movimento que uma pessoa com os braços realizaria. Nesse momento a jovem já é inspiração em todo o mundo por sua coragem e

determinação na prática do esporte. A fé é um elemento que permanece em todo o filme e sustenta, nos personagens, a esperança de sempre ter dias melhores.

O longa-metragem é baseado no livro escrito pela própria jovem Bethany, na vida real ela ficou conhecida como “alma surfista” e assim se chama o seu livro, “*Alma de Surfista: Uma história verdadeira de fé, família e luta para voltar à prancha*”. Além desse filme a jovem já participou de outras produções como o longa-metragem “*Heart of a Soul Surfer*” lançado em 2007, o filme “*Winter o Golfinho 2 – A Inspiração de Bethany Hamilton*”, lançado em 2014 e mais recente o documentário lançado em 2018 na Netflix “*Bethany Hamilton: Sem Limites*”, que conta a história com detalhes desde a infância de Bethany até os seus dias atuais.

A produção do cineasta, ator, roteirista e produtor de cinema Sean Patrick Michael McNamara, atualmente está disponível para o público assinante da plataforma de *streaming* Netflix, e ao longo desses anos já recebeu diversas indicações de prêmios em várias categorias como os prêmios: Crystal Dove Seal Award, ESPY Awards, Movieguide Awards, People's Choice Awards, Women Film Critics Circle. Nas seguintes categorias: Melhor Drama; Filme de esportes; Filme para o público familiar; Adaptação de livro favorita e melhores imagens femininas em um filme.

## 5.2 OS MOVIMENTOS FUNDAMENTAIS DO *SURFE* E DO *SKATE* E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Iniciamos o processo de análise em que envolvem as tramas “Uma skatista radical” e “*Soul surfer: coragem de viver*”. Nesta subseção, faremos uma relação entre os movimentos fundamentais do *surfe* e do *skate* mostrado nas produções analisadas e a relação pedagógica que traçamos a partir das leituras realizadas no levantamento teórico. De igual modo, as duas subseções seguintes abarcarão uma categoria que escolhemos analisar do filme com as teorias vistas até aqui.

Neste sentido, conforme vimos na fundamentação teórica desta dissertação, Darido e Rangel (2011) explicitam a monocultura curricular escolar, na qual as escolas priorizam o desenvolvimento de esportes, sobretudo o futebol, nas aulas de Educação Física. Com o intuito de amplificar as possibilidades de trabalho pedagógico na escola, propomos a junção de práticas corporais de aventura e cinema, que priorizem a reflexão social que tais práticas podem abarcar.

A análise se efetua por meio da listagem das cenas selecionadas e exploração das perspectivas teóricas que vimos, havendo assim, a triangulação dos dados. Uma das relações possíveis a partir das práticas de aventura é a reflexão sobre o corpo e sua representação no meio escolar. Utilizamos a linguagem cinematográfica como uma possibilidade de prática pedagógica. Assim, selecionamos cenas que focalizem os movimentos fundamentais do *surfe* e do *skate* para que possamos analisar como a execução dos movimentos exibidos nos filmes cria uma sequência que compõe a prática de aventura analisada, possuindo assim, um potencial pedagógico.

Dessa forma, busca-se o entendimento de como os movimentos funcionam, ressaltando suas características, tais como: força, equilíbrio, foco, persistência, entre outras habilidades que envolvem mais que o binarismo corpo e mente, mas que também são influenciadas por sistemas sociais e da natureza.

Do filme “Uma skatista radical” destacamos as participantes Jessica e Prerna. Jéssica é uma inglesa, filha de indianos, que volta ao lugarejo de seu para compreender suas raízes. É uma jovem independente que vive em busca de suas realizações pessoais. Já Prerna é uma adolescente indiana, que vive todas as amarras culturais que subalterniza a mulher, incumbindo-lhe das tarefas domésticas e obrigações com seu marido. O encontro das duas personagens resulta em uma troca de culturas, elevada por uma sororidade que impulsiona Jessica lutar em busca de seus ideais para que Prerna, e outras crianças da comunidade, consigam realizar seu sonho.

Bethany é a protagonista do filme “*Sour Surfer: coragem de viver*”, uma jovem filha de competidores do *surfe*, que já nasceu em uma família que impulsiona a seus integrantes para a prática do esporte. Assim, Bethany é treinada para ser uma atleta que disputa campeonatos, acostumando-se com vitórias e pódios. Mas, tudo mudou após um acidente com um tubarão que a fez perder um dos braços, levando-a para um lugar de readaptação da prática do *surfe*, iniciando assim, uma história de autoconhecimento de si, com muito treino, determinação e superação. Desta maneira, destacamos peculiaridades nas personagens, quanto Jéssica, ao buscar-se conhecer contribui para a mudança de toda a comunidade.

Prerna luta contra toda uma sociedade machista para poder executar o esporte e Bethany mergulha em uma história de readaptação e superação pessoal para alcançar seus objetivos. O quadro a seguir sintetiza o recorte das cenas selecionadas de ambos os filmes. Tais cenas se relacionam aos movimentos corporais das duas práticas aqui analisadas.

### **Quadro 3:** Cenas com os movimentos fundamentais do surfe e do skate

<b>Filme</b>	<b>Cena</b>	<b>Resumo da cena</b>
Uma Skatista Radical	Cena 1 (início 16:56)	Jessica vê o carrinho de rolimã e diz que parece um <i>skate</i> , o que causa curiosidade de Perna em saber o que é um <i>skate</i> .
	Cena 2 (início 28:06)	Perna tenta se equilibrar no carrinho de rolimã do irmão, mas não tem o mesmo efeito do <i>skate</i> .
	Cena 3 (início 29:16)	Erick ensina os primeiros movimentos para andar de skate (foca no quadril) e dá o seu <i>skate</i> para que ela possa praticar em casa.
	Cena 4 (início 30:11)	Perna assiste aos vídeos de skatistas praticando o esporte na internet da escola e continua pondo em prática tudo que vem assistindo.
	Cena 5 (início 1:02:28)	Erick começa a ensinar as crianças a andar de maneira mais profissional, ensina nomenclaturas e manobras mais elaboradas.
Soul surfer-coração de viver	Cena 6 (início 09:38)	Malina pega a onda e faz manobras com a prancha em movimentos denominados de “cavada” e “snapcraft”.
	Cena 7 (início 10:30)	Bethany, a protagonista da trama faz o movimento snapcraft, mostrando bastante intimidade com a prancha.
	Cena 8 (início 39:00)	Bethany chega em casa após passar dias no hospital e sente dificuldade em realizar as tarefas do dia a dia.
	Cena 9 (início 58:16)	A família de Bethany assiste aos vídeos gravados durante seus treinos, para que sejam identificados os erros e posteriormente possam ser corrigidos.
	Cena 10 (início 1:02:16)	Apresenta Malina durante o campeonato executando sequencias de movimentos completos e bem realizados.
	Cena 11 (início 1:17:38)	Bethany ensina a uma criança que perdeu todos a família na tragédia os primeiros movimentos do surfe, as crianças se interessam e ela novamente se

		anima com o esporte.
	Cena 12 (início 1:22:00)	Apresenta Bethany treinando e tentando adaptar seu corpo ao surfe novamente, até o momento em que retome sua consciência corporal.
	Cena 13 (início 1:24:03)	Nessa cena é possível verificar como a prática de aventura necessita da conexão entre corpo e natureza.
	Cena 14 (início 1:33:52).	Na competição final, Bethany sai da linha de arrebentação e se distanciando das outras competidoras, ouvindo seu sexto sentido para ao encontro da onda perfeita.
	Cena 15 (início 1:35:20)	Bethany pega o tubo perfeito, e executa a manobra com grande êxito, deixando todos na competição maravilhados.

Fonte: elaboração própria, (2023).

Passamos agora, a análise detalhada das cenas selecionadas para esta seção. A cena 1 (um) escolhida, Jessica vê o carrinho de rolimã e diz que parece um *skate*, o que causa curiosidade de Perna em saber o que é um *skate*. Essa cena, apesar de não ter uma relação direta com o movimento fundamental do *skate*, ilustra como podemos partir do conhecimento de mundo do aluno, conforme propõe Paulo Freire, para gerar novos conhecimentos. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 2009, p. 09).

Com isso, percebemos que a educação é uma continuidade da vida do estudante, não sendo algo que se constrói em separado. Jéssica compara algo do cotidiano das crianças, no caso o carrinho de rolimã, ao novo objeto, o *skate*, que representa o novo conhecimento. Tal comparação realizada por Jessica, desperta em Perna o desejo de conhecer o novo conhecimento.

**Figura 3:** Jéssica vê o carrinho de rolimã



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 16:56 Netflix

Na figura anterior, Jéssica observa o carrinho de rolimã que consiste em uma tábua, e três rodinhas, muito semelhante à estrutura do *skate*. Ao mesmo tempo, Jessica também experimenta brincar com o carrinho de rolimã, o que significa a troca de aprendizado entre as partes envolvidas. Apesar dos objetos serem parecidos, os movimentos realizados são bastante diferentes. No *skate*, as manobras são realizadas em pé, enquanto que no carrinho de rolimã, as manobras são sentadas. Dessa forma, os movimentos das duas práticas são bastante distintos entre si.

A diferença de uso dos dois objetos fica perceptível na cena 2, em que Perna tenta se equilibrar no carrinho de rolimã do irmão, mas não tem o mesmo efeito do *skate*. Essa cena ilustra como a falta do equipamento adequado pode comprometer a prática do esporte. Por mais que Perna tente aplicar os movimentos do *skate* no carrinho de rolimã, não é possível obter o mesmo resultado, pois para este esporte a prancha de *skate* é fundamental para sua realização. Dessa forma, ressaltamos a relevância do acesso aos bens econômicos para a realização do esporte, como diferenças financeiras pode influenciar na sua boa prática. De igual forma, a limitação de acesso aos bens econômicos, delineiam os traços culturais, a criatividade e a capacidade de adaptação dos alunos, sendo, portanto, as diferenças econômicas, também diferenças culturais. Porém, o sistema capitalista empurra as camadas mais populares a aceitarem condições precárias, abaixo do esperado para nosso sistema educacional.

As constantes crises do sistema capitalista geraram as inúmeras reformas econômicas e políticas do estado brasileiro, principalmente a partir da década de 90. As crises atingem o sistema educacional, tendo a necessidade de implementar as medidas neoliberais para gerar eficiência, flexibilidade e eficácia na qualidade do ensino, a educação torna-se um instrumento de manipulação, em que por um processo ideológico hegemônico as classes trabalhadoras aceitam as condições de exploração necessárias para a sobrevivência do sistema capitalista. (VASCONCELOS; MAGALHÃES; MARTINELLI, 2021, p. 02).

Assim, a educação sofre com fortes impactos neoliberais, a exemplo das reformas sofridas em todo sistema educacional brasileiro, culminada com o lançamento da BNCC. De acordo com os mesmos autores citados no excerto anterior, a política brasileira adota uma educação que atende aos interesses do capital e que se volta à formação do homem para o trabalho, deixando em segundo plano a dimensão humanística da aprendizagem.

Na cena a seguir, vemos uma improvisação de um equipamento, facilmente, é possível fazer analogia a situações cotidianas do universo das escolas públicas brasileiras, que improvisam na falta de estrutura e equipamentos.

**Figura 4:** Perna se equilibra no carrinho de rolimã



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 28:06 Netflix

Perna aplica os mesmos movimentos do *skate* no carrinho de rolimã, porém o equipamento inadequado não permite o resultado desejado pela garota. Percebe-se assim, que fatores externos influem na prática do movimento do esporte, dessa forma, por mais que se saiba como andar de skate os resultados serão diferentes dependendo da qualidade do equipamento.

Na cena 3 Erick empresta seu *skate* para que Perna pratique em casa, como também ensina os primeiros movimentos para andar de *skate*, e chama atenção para o foco no quadril. Essa cena ilustra pedagogicamente os movimentos fundamentais do *skate*, com o foco no quadril. Assim, o filme potencializa e pode incentivar a iniciação ou o aprimoramento da prática com o *skate* a partir da conscientização do domínio de seu corpo.

**Figura 5:** Erik ensina movimentos fundamentais do *skate*



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 29:16 Netflix

A cena ilustra uma aula de *skate* para iniciantes, o que pode contribuir bastante para conscientização sobre os movimentos corporais necessários para a prática do *skate*. De igual modo, a cena 4 (quatro), escolhida na sequência para a análise, também foca na execução do movimento do *skate*. Após tentar se equilibrar no skate e cair, Perna vê vídeos de manobras de *skate*. As cenas são passadas lentamente, mostrando a manobra chamada 360° *ollie*, o movimento consiste no ato de deslizar rapidamente com o skate rampa acima, de sair do chão e dar uma volta no ar com o *skate* com a mão no *shape* (taboa de madeira).

Segundo Armbrust e Lauro (2010) o número de praticantes da prática do Skate no Brasil cresce a cada dia, e carrega um significado em sua história, conforme fragmento a seguir: “O número de praticantes cresce a cada dia num esporte que agrega valores históricos, rebeldias e contravenções e que chega ao ápice, até sendo uma profissão para aqueles” (ARMBRUST; LAURO, 2010, p. 800).

Dessa forma, o uso do filme como ferramenta didática em escolas brasileiras, pode gerar identificação e potencial interesse na prática. Ainda que a princípio possa parecer uma brincadeira de criança, existe no skate um potencial para profissionalização, que começa pelo conhecimento de seus equipamentos e dos seus movimentos fundamentais. “[...] dedicados

competidores que um dia começaram com seus tombos e foram em frente, deslizando e equilibrando-se em eixos, shapes e rodinhas” (ARMBRUST; LAURO, 2010, p. 800). Com isso, ressaltamos a relevância em difundir a narrativa trazida pelo filme de iniciação aos movimentos fundamentais do skate.

**Figura 6:** Prerna assiste manobras de skate



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 30:11 Netflix

Prerna assiste ao movimento que passa lentamente, o que pode contribuir pedagogicamente para o acompanhamento da prática do movimento, bem como o corpo se move ao executar a manobra. Prerna assiste vídeos de skatistas praticando o esporte utilizando o computador e internet da escola e continua pondo em prática tudo que vem assistindo.

A última cena escolhida do filme “Uma skatista radical”, denominamos cena 5, nela Erick começa a ensinar algumas técnicas às crianças. Ele ensina nomenclaturas e manobras mais elaboradas. Nessa cena, é possível perceber que o skate tem movimentos mais elaborados e que servem para competição que as crianças se preparam para participar. Ele ensina onde deve colocar mais força para que o skate possa levantar, movimento chamado: *Ollie*.

Nesta cena, destacamos como as TIC-tecnologias de informação e comunicação, também estão presentes no filme, potencializando a importância de múltiplos aprendizados na escola, que extrapolam os saberes curriculares. Dessa forma, a escola interage com a vida da protagonista do filme, ajudando na sistematização do conhecimento adquirido em seu cotidiano. Com isso, de acordo com Belloni (2009) a produção de material didático educacional que vise o uso das TIC deve potencializar as virtudes comunicacionais, que possibilite ao estudante gerenciar sua aprendizagem de maneira autônoma e independente.

A integração das TIC à educação exige, portanto, considerar estes dois aspectos: em primeiro lugar, a dupla dimensão de tal integração, ou seja, que é preciso considerar as mídias como objetos de estudo (aspectos éticos e estéticos) e como ferramentas pedagógicas (aspectos pedagógicos e didáticos). Em segundo lugar, é imprescindível levar em conta que o uso adequado das TIC promove e exige uma abordagem interdisciplinar da educação, pois requer que o professor domine o uso das ferramentas e trabalhe coletivamente com profissionais de diferentes áreas. (BELLONI, 2005, p. 195-196)

Neste sentido, a inclusão das TIC no ambiente escolar, seja vendo vídeos no *YouTube* para observar as práticas de um esporte, seja por meio da inserção de filmes e outras mídias no cotidiano escolar, proporcionam a democratização de saberes, que por vezes podem ser tão distantes entre as classes mais e menos favorecidas. De acordo com Belloni (2005, p.10) “a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais”.

Fantin (2005) afirma que as imagens e sons, por programas de televisão, cinema, pelos meios eletrônicos e tantos outros configurando os meios audiovisuais estão presentes no cotidiano dos estudantes, sendo protagonistas do processo culturais e educativos, a escola. Neste sentido, é fundamental que pensemos em tais potencialidades como ferramenta didática. “as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática social e cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo” (FANTIN, 2005, p. 02).

**Figura 7:** Erick ensina manobras mais elaboradas



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 1:02:28 Netflix

Após Prerna observar os movimentos do skate nos vídeos na escola, a próxima cena escolhida para a análise ilustra a evolução das crianças na prática do skate. No início, elas tinham dificuldade de se equilibrar no skate, com o tempo, elas passam a ter mais intimidade com o equipamento, o que permite a execução de manobras mais ousadas, ao mesmo tempo, é fundamental que os praticantes tenham o cuidado com o corpo, visto que quanto mais elaborados sejam os movimentos, mais riscos serão eminentes de ocorrer.

Fica evidente a necessidade de equilíbrio e domínio do corpo para as práticas do *skate*. Quanto mais o praticante conhecer sua potencialidade corporal, poderá realizar movimentos mais arrojados.

De igual modo, o surfe também utiliza o equilíbrio, assim, o conhecimento e domínio do corpo, também são fundamentos essenciais para sua prática. No filme, “Soul Surfer- coragem de viver”, é possível acompanhar cenas que apresentam manobras do surfe, que envolvem o equilíbrio e a interação com a natureza.

Na cena 6 vemos um exemplo na qual Malina pega a onda e faz manobras com a prancha em movimentos denominados de *cavada* e *snapcraft*, ilustrados na figura a seguir.

**Figura 8:** Melina faz movimentos de *cavada* e *snapcraft*



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 9:38 Netflix

Na sequência, na cena 7, Bethany, a protagonista da trama baseada em fatos reais, também faz o movimento *snapcraft*, mostrando bastante intimidade com a prancha. Nesta cena, é possível ilustrar o significado de surfe “O surfe pode ser descrito como o movimento de deslizar o corpo sobre as águas, sendo, portanto, uma atividade corporal praticada em meio

aquático, mais precisamente na praia” (ROCHA; SILVA, 2018, p. 137). A atleta exibe equilíbrio na perfeita manobra realizada, ilustrada na figura a seguir.

**Figura 9:** Bethany faz o movimento *snapcraft*



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 10:30 Netflix

Após o acidente sofrido pela personagem principal, no qual ela perde um dos braços em um acidente com um tubarão, inicia-se a fase de adaptação nos movimentos, não apenas dentro das águas, mas também no cotidiano de Bethany. Na cena 8 ela chega em casa após passar dias no hospital e sente dificuldade em realizar as tarefas do dia a dia, como por exemplo, preparar um sanduíche, tocar o ukulele (instrumento musical), trocar de roupa e pentear o cabelo. Dessa forma, o filme retrata a importância de nosso corpo físico para toda consciência corporal e realização de nossas tarefas cotidianas. Como também, a questão das pessoas com deficiência, que precisam de adaptações, materiais adequados, pisos etc.

De acordo com Rocha e Silva (2018), o surfe trabalha várias dimensões da vida humana “[...] o surfe, além de desenvolver movimentos corporais particulares do ser humano com o mar, possibilitando avanços nos aspectos físicos e motores, é responsável também por imprimir movimentos culturais e sociais específicos que se repercutem” (ROCHA; SILVA, 2018, p. 139). Com isso, a seleção destas primeiras cenas são potenciais para promover a aprendizagem não apenas de conhecimentos e habilidades corporais, mas também de valores e sentimentos, que relacionam homem e natureza, contribuindo para o conhecimento de si e formas de como agir com o outro, fato que perpassa as cenas seguintes.

**Figura 10:** Bethany passa por adaptação após a perda de um dos braços



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 39:00 Netflix

Bethany passa a procurar adaptações para sua situação não apenas no mar, mas fora dele também. Com isso, ela começa a treinar para ultrapassar suas barreiras, porém, encontra algumas dificuldades, como se equilibrar na prancha e impulsionar os movimentos. Buscando superar as barreiras, em uma ação didática retratada na cena 9 a família de Bethany assiste aos vídeos gravados durante seus treinos, para que sejam identificados os erros e posteriormente possam ser corrigidos. Essa é uma técnica, também utilizada no outro filme, “Uma Skatista Radical”, na cena 4, no qual os personagens observam movimentos de si ou de outros em vídeos, para posterior prática.

De acordo com Fantin (2005, p. 03) “Educar para as mídias implica a adoção de uma postura ‘crítica e criadora’ de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para fazer/produzir mídias também.” Assim, na sala de aula é possível adotar essa pedagogia, visto que nem sempre é possível realizar todos os movimentos na escola. Os vídeos são didáticos e podem contribuir bastante na compreensão dos movimentos e consciência das práticas corporais.

**Figura 11:** A família de Bethany assiste aos vídeos gravados durante seus treinos



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 58:16 Netflix

Enquanto Bethany se readapta à prática do surfe, segue participando de competições, conforme se pode observar na cena 10 que apresenta Malina durante o campeonato executando sequências de movimentos completos e bem realizados, tais quais: descida pela arrebentação, faz uma cavada, contorna a onda pelo canto e faz uma batida vertical. Rocha e Silva (2018) afirmam que as aulas de surfe se constituem não apenas da aprendizagem da prática dos movimentos, mas também, como vimos no filme, perpassa uma formação integral dos envolvidos.

**Figura 12:** Malina durante o campeonato



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:02:16 Netflix

A desmotivação faz com que Bethany se afaste dos treinos para uma missão humanitária de ajuda a moradores da Tailândia, atingidos por um tsunami. Na cena 11 (onze) Bethany ensina a uma criança que perdeu todos da família na tragédia os primeiros movimentos do surfe, a criança se interessa e ela novamente se anima com o esporte. A população da Tailândia se comove com a alegria e motivação passada pela prática e todos entram no mar como forma de empatia, solidariedade e esperança. Percebemos assim, que a prática de aventura pode estreitar laços culturais, desenvolvendo a humanidade nos envolvidos, conforme defende Saviani (2012, p. 02) “a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Assim, o ato de ensinar, se torna também momento de aprender a se conectar consigo mesmo e com o outro.

**Figura 13:** Bethany ensina movimentos do *surfe*



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:17:38 Netflix

Em uma ação humanitária, Bethany retoma a empolgação pela prática do *surfe* e volta a treinar de modo mais focado em suas limitações. A cena 12 apresenta Bethany treinando e tentando adaptar seu corpo ao *surfe* novamente, até o momento em que retome sua consciência corporal. Rocha e Silva (2018) salientam a possibilidade do *surfe* como uma prática pedagógica libertária que proporcione “[...] um ensino e um aprendizado do surfe intencionado por uma compreensão educativa emancipada, voltada para a inclusão social e para a formação dos valores humanos” (p. 144). A educação passa a ser transformadora, crítica e reflexiva.

**Figura 14:** Bethany retoma a empolgação pela prática do *surfe*



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:22:00 Netflix

Felizmente, Bethany alcança uma superação pessoal e consegue novamente competir em pé de igualdade em eventos. Salientamos que a proposta aqui trazida é a reflexão de superação que a readaptação dos movimentos trouxe para a atleta, fato que pode contribuir com o contexto pedagógico e educativo da prática do *surfe*. Essa progressão ocorre por conta da interpelação da personagem com a natureza. Há um respeito tanto ao seu novo corpo, como aos movimentos do mar e dos ventos.

Na cena 13 é possível verificar como a prática de aventura necessita da conexão entre corpo e natureza. Durante o campeonato, o pai de Bethany a informa que será necessário “sentir” qual onda deverá pegar, visto que, suas limitações a faz cansar mais do que as outras competidoras. Com isso, não adianta pegar ondas que não se possam fazer boas manobras, pois o melhor será ouvir a onda, tocar a água e sentir a energia, ou seja, utilizar seu “sexto sentido” de surfista, que indicará o momento certo de ir para o local da onda perfeita.

**Figura 15:** Conversa sobre os cuidados com o corpo e a conexão com a natureza.



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:24:03 Netflix

Seguindo os conselhos do Pai, Bethany consegue ir em busca da onda perfeita, reproduzida na cena 14 (início 1:33:52). A surfista sai da linha de arrebentação e vai se distanciando das outras competidoras, que ficam sem entender por que ela se afastou tanto do local, mas o que não percebem é que Bethany está usando o conselho do pai e ouvindo seu “sexto sentido” para ir de encontro à onda perfeita.

**Figura 16:** Bethany em conexão com a natureza



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:33:52 Netflix

A partir do entendimento sobre o limite de seu corpo, em que a percepção corporal, o domínio dos movimentos e o respeito à natureza já estão consolidados, Bethany pega o tubo

perfeito, reproduzido na cena 15, e executa a manobra com grande êxito, deixando todos na competição maravilhados. Nesse momento é possível perceber o esforço que ela faz em busca de seu sonho e como foi fundamental ela perceber que seu acidente não foi o fim de sua vida de atleta, mas sim uma barreira a ser enfrentada, dando-lhe um novo significado para sua vida. Salientamos assim, conforme afirmam Rocha e Silva (2018, p. 139) que o surfe não se limita a práticas corporais, mas carregam também significados sociais, “[...] o surfe como uma prática corporal dotada de relações que estão para além da dimensão física e do convívio no/com o mar, carregada de significados culturais e sociais”. Desta cena destacamos a superação pessoal vivida pela protagonista.

**Figura 17:** Bethany pega o tubo perfeito



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:35:20 Netflix

O final do filme apresenta a seguinte reflexão: “A vida é como o surfe, quando você se embola numa onda, precisa se recuperar rápido”. (Filme “Soul Surfer- coragem de viver” 1:39:00, Netflix). Essa mensagem objetiva motivar as pessoas a superarem suas barreiras, sabendo que adiante novos obstáculos podem surgir.

Pontuamos que tanto em ambos os filmes aqui analisados apresentam histórias de superação, que são possíveis pelo entendimento e domínio dos movimentos das práticas corporais como do *surfe* e *skate*. A superação pessoal Bethany e a superação de amarras sociais de Prerna foram alcançadas, principalmente pela dedicação pessoal das personagens, que colocaram as práticas do surfe e do skate, respectivamente, como fundamentais em suas vidas. Ressaltamos que na educação básica, o objetivo principal das práticas é a contribuição para uma educação de qualidade, na qual a consciência sobre si ajude os estudantes a

compreender seu entorno, fato também perceptível na evolução das personagens ao longo dos filmes.

Na próxima subseção, analisamos o uso dos equipamentos nas práticas em questão.

### 5.3 OS EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA: DO CUIDADO COM O CORPO AO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO

Como vimos no tópico 2.3 desta dissertação, os equipamentos de segurança são fundamentais nas práticas corporais para atribuir segurança e confiança para seus praticantes. A escola é ambiente favorável para a conscientização da importância do seu uso, como também para se ensinar o correto uso para uma proteção mais eficiente. Porém, sabemos, que por vezes, o uso dos equipamentos está relacionado com fatores socioeconômicos, que podem inviabilizar a sua aquisição.

A partir dessa reflexão, buscamos nos filmes analisados cenas que representassem os usos dos equipamentos para a manutenção do cuidado com o corpo, ressaltando, quando possível, as relações socioeconômicas que podem ser fator fundamental para a aquisição dos equipamentos adequados. Dessa forma, selecionamos 12 (doze) cenas. Sendo 7 (sete) cenas do filme do surfe e 5 (cinco) cenas do filme do skate, conforme quadro abaixo:

**Quadro 4:** Cenas relacionadas aos equipamentos de segurança

<b>Filme</b>	<b>Cena</b>	<b>Resumo da cena</b>
Uma Skatista Radical	Cena 16 (início 35:26)	Jessica chega com uma caixa cheia de <i>skate</i> e distribui para os moradores locais, que logo em seguida aprendem com Erick como montar o equipamento.
	Cena 17 (início 50:00)	Após muitas polêmicas e protestos Jessica decide que irá construir uma pista de skate para que os moradores da comunidade possam andar de forma segura e sem atrapalhar a rotina do local.
	Cena 18 (início 1:13:22)	Ao conversar com Prerna Jessica percebe que o medo de se machucar está atrapalhando o aprendizado dos meninos e decide comprar

		equipamentos de segurança, como capacetes, joelheiras, cotoveleiras e luvas, para que eles possam andar com maior confiança.
	Cena 19 (início 1:11:00)	A mãe de Prerna, ao ver a menina acidentada, questiona o porquê de ela gostar tanto de <i>skate</i> ela responde que tem uma sensação de liberdade, parecendo que está voando.
	Cena 20 (início 1:36:47)	Prerna chega ao campeonato organizado pelos políticos da cidade e usa os equipamentos de segurança.
Soul surfer- coragem de viver	Cena 21 (início: 11:38)	Momento de alegria de Bethany e de sua Amiga Alana ao saberem que seriam patrocinadas por uma marca tão importante no ramo de surfistas.
	Cena 22 (início: 28:30 )	Após o acidente, Bethany vê uma luz no final do túnel, no momento em que está sendo atendida no hospital, representando que aquele não era o fim, mas existiria uma saída para a situação que ela estava vivendo.
	Cena 23 (início: 47:18 )	A empresa patrocinadora, <i>Rip Curl</i> , decide realizar as fotos para a propaganda da marca apenas com Alana, deixando a protagonista fora da sessão de fotos.
	Cena 24 (início: 50:45)	Bethany volta ao mar pela primeira vez após o acidente e sente dificuldade em se equilibrar na prancha
	Cena 25 (início: 57:40)	A cena apresenta os tipos de prancha que Bethany precisa ter domínio para encontrar o modelo específico para participar do campeonato regional
	Cena 26 (início: 1:20:00)	O pai de Bethany faz adaptações na prancha da filha.
	Cena 27 (início: 1:27:09)	No campeonato de <i>surfe</i> os competidores são identificados pelas cores das camisas e os patrocinadores usam disso para estampar suas

		marcas nas roupas dos surfistas, movimentando o mercado econômico.
--	--	--

Fonte: elaboração própria, (2023).

No filme, “Uma skatista radical”, notamos diferenças socioeconômicas entre os personagens, fato que influi na aquisição dos equipamentos de *skate*, bem como os acessórios de segurança que a prática necessita. Para ilustrar tal abismo econômico, selecionamos a cena 16, na qual Jessica chega com uma caixa cheia de *skate* e distribui para os moradores locais, que logo em seguida aprendem com Erick como montar o equipamento.

Essa cena é marcante a diferença econômica dos personagens, em que Jéssica tem dinheiro para comprar tantos skates, enquanto as crianças não têm dinheiro nem para comprar a farda de ir para a escola, como ilustrado anteriormente no filme. Assim, a prática do esporte está relacionada também com as condições para a sua prática. [Quanto mais equipamento apropriado o atleta tiver acesso, ele terá melhores oportunidades para treinar e aperfeiçoar as suas manobras e suas técnicas corporais].

Socialmente, a educação pode ser um caminho para a mudança de classe social, porém, entendemos que estamos submersos em uma sociedade que ainda carrega resquícios de um período colonial. Frigotto e Ciavatta (2011) apontam que historicamente a educação brasileira de modo, particular, e latino-americana, de modo geral, sofrem com descaso e falta de investimentos. Para eles, o problema vem desde a época colonial, que vê em nossos alunos, sobretudo de escolas públicas, a classe destinada aos trabalhos menos especializados. Dessa forma, o não investimento nas escolas faz manter as elites existentes em nosso país:

Não apenas no Brasil, mas na América Latina, estamos longe de oferecer à maioria das crianças e jovens condições educativas para o aprendizado intelectual, o qual pressupõe denso tempo de leitura, laboratórios, espaços de lazer, arte e cultura. Continuamos presos a uma sociedade de classes, onde, não obstante o discurso em contrário e os avanços ocorridos, o aprendizado intelectual de excelência é uma reserva das elites (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2011, p. 618).

Diante disso, percebemos a falta de recursos tanto para aquisição de equipamentos e melhoria dos espaços escolares, como também para o investimento em qualificação dos professores e melhorias salariais, que reflete em um descaso com a educação brasileira, conforme apontado por Saviani (2012, p.95) “portanto, no orçamento, isto é, nas verbas destinadas à educação, reflete-se também o descaso para com a educação no país”

Dessa forma, entendemos que nem toda escola terá recursos para a compra de equipamentos de *skate*, com isso, a exibição do filme pode ser uma saída imediatista para a conscientização sobre a importância da segurança na prática. A figura 18, a seguir, ilustra a montagem dos *skates*, passo fundamental para a segurança dos seus praticantes. A montagem detalhada apresentada no filme, como também a forma de fechar os parafusos para que as rodas fiquem fixas, ampliando a segurança no uso dos equipamentos.

**Figura 18:** Montagem dos equipamentos



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 35:26 Netflix

Além de ter um bom equipamento, para segurança pessoal dos envolvidos, é preciso um local adequado para a prática do *skate*. O filme problematiza a questão quando ilustra, na cena 17 a decisão de Jéssica de construir uma pista de *skate* para os moradores locais. As crianças do filme estavam andando de *skate* nas ruas da cidade, o que gerou transtornos, e poderia até ter causado acidentes, tanto para as crianças, como para os moradores. Dessa forma, pensando no bem-estar da população, Jéssica decide liderar um projeto de construção de pista do *skate* e decide condicionar a esta prática corporal à frequência escolar, fato bastante positivo na relação pedagógica, visto que estimula as crianças a não abandonarem a escola para realizar a prática do *skate*.

**Figura 19:** skatistas pelas ruas da cidade



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 50:00 Netflix

A situação retratada no filme indiano, infelizmente, não é realidade apenas da comunidade em foco, mas também pode ser reproduzida em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Em Aracaju/SE, por exemplo, uma das maiores pista do estado se localiza na orla da capital, lugar repleto de turistas e bastante elitizado. Dessa forma, entendemos que o *skate* pode ser visto como uma prática marginalizada, sobretudo, se praticada na periferia.

[...] ainda existem discussões e preconceitos sobre algumas práticas ou praticantes de esportes radicais, por transgredirem alguns princípios e valores tradicionais, como os sujeitos que utilizam os espaços urbanos de maneira dinâmica, empregando manobras sobre um skate nos monumentos da cidade, nos bancos, que antes serviam apenas para sentar, ou os corrimãos de uma escadaria que, agora, além de apoiar as mãos para subir ou descer, os skatistas usamos para deslizar com o skate. (ARMBRUST; LAURO, 2010, p. 799)

Ao trabalhar esta cena na sala de aula, os estudantes teriam a oportunidade de comparar sua realidade, que incentiva a prática do skate, mesmo em situações adversas, mas também salienta a importância da educação escolar formal. Além disso, é possível ampliar a visão crítica e questionadora em relação ao preconceito que por vezes, é associado a questões de raça e cor.

A cena 18, do filme “Uma skatista radical”, foca no sentimento de medo que assola as crianças da comunidade, diante do risco de se machucar ao realizar a prática do skate. A pista trouxe mais velocidade e possibilidade de realização de manobras mais adequadas, fato

que leva Prerna e as demais crianças a terem medo de se arriscar no desenvolvimento dos movimentos.

**Figura 20:** Prerna com medo do *skate*



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 1:13:22 Netflix

A cena focaliza a feição do medo em Prerna, como também os efeitos sonoros fazem o telespectador sentir apreensão das crianças. Na cena anterior, ao conversar com Prerna Jessica percebe que o medo de se machucar está atrapalhando o aprendizado dos meninos e decide comprar equipamentos de segurança, como capacetes, joelheiras, cotoveleiras e luvas, para que eles possam andar com maior confiança. Essa cena ilustra como é importante ter equipamentos de segurança para a preservação da integridade física dos atletas. Assim, o filme incentiva a usar corretamente os equipamentos.

Mais uma vez, ressaltamos os fatores econômicos, uma vez que os equipamentos são custeados por Jessica, visto que as crianças não teriam verba para tal aquisição. Dessa forma, percebemos que é preciso um investimento para as práticas de aventura, seja nas mais casuais, as mais profissionais, com a finalidade de buscar preservar a integridade física dos seus praticantes. Assim, esbarramos em um problema social de desigualdade de renda, no qual nem todas as pessoas teriam condições financeiras de adquirir tais equipamentos.

Antes de começar a usar os equipamentos de segurança, Prerna acaba se machucando e chega em casa com dificuldade para caminhar. No contexto brasileiro, uma situação semelhante poderia ocorrer, visto que, por vezes, há uma escassez de materiais para as aulas

de Educação Física. A sua mãe, ao ver a filha acidentada, questiona do por que ela gostar tanto de skate ela responde que tem uma sensação de liberdade, parecendo que está voando, ilustrado na cena 19, a seguir.

**Figura 21:** Prerna machucada



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 1:11:00 Netflix

A personagem principal ilustra um dos sentimentos ao se realizar uma prática de aventura: a liberdade. Que é obtida por meio do contato com a natureza, visto que a sensação do vento tocando no rosto pode representar essa sensação do ato de voar. Salientamos assim, conforme Le Breton (2009), que nossa existência se dá pelo e com o corpo, com ele estabelecemos as relações com outros corpos, com a natureza e com o mundo.

O autor defende que somos moldados pelos vetores sociais e culturais, sendo nosso corpo veículo de comunicação e expressão: “O corpo é vetor semântico, pelo qual, a evidência da relação com o mundo é constituída” (LE BRETON, 2009, p. 07). Dessa forma, entendemos que as práticas corporais manifestam as sensações presentes em nossa volta, estando estritamente relacionadas com a sociedade, fazendo emergir significados culturais. O corpo, como emissor ou receptor de dado espaço social, produz sentido continuamente, relacionando-se intimamente com o ambiente que circula.

O momento seguinte selecionado do filme, cena 20, consiste em uma competição organizada pelos políticos da cidade. Prerna e as demais crianças utilizam corretamente os equipamentos de segurança e exibem familiaridade com o *skate*. A competição foi dividida por categorias, buscando igualdade entre os competidores. Na competição, os praticantes

usam corretamente os equipamentos, o que os protege do risco iminente à prática do *skate*. De acordo com Tahara e Schwartz (2003), as práticas radicais apresentam riscos percebidos como a possibilidade de vertigem, quedas, arranhões, porém os equipamentos e medidas de segurança devem proporcionar segurança aos praticantes, tal qual ocorre na cena 22, a seguir.

**Figura 22:** Campeonato final do *skate*



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 1:36:47 Netflix

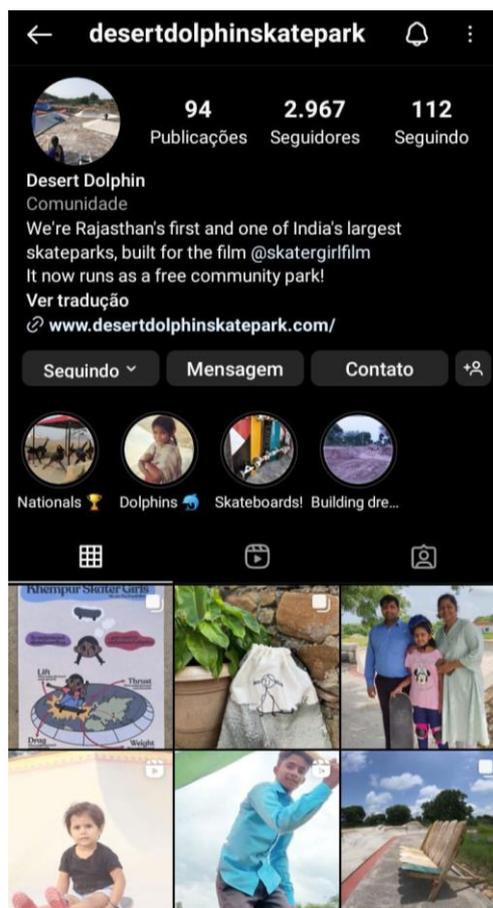
As crianças superaram as barreiras econômicas, com a ajuda de Jéssica, e potencializaram a prática corporal em uma prática de competição, agradando a todos os presentes. A pista utilizada no filme denomina-se *Desert Dolphin Skatepark*<sup>6</sup>, e foi realmente construída, sendo um legado deixado pela produção do filme, localizada na vila do *Khempur*, pertencente ao estado indiano do Rajastão. No local, há oficinas e treinamentos oferecidos por voluntários para os residentes da comunidade, incentivando a prática do *skate*. A pista possui uma página no Instagram<sup>7</sup> na qual é possível ver as fotos e acompanhar as atividades realizadas no local.

---

<sup>6</sup> A pista possui acesso gratuito, sendo a primeira pista de Skate do Rajastão e uma das maiores da Índia. Possui uma área de cerca 1400,00 m<sup>2</sup>, construído durante 45 dias. Mais detalhes em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Desert\\_Dolphin\\_Skatepark](https://en.wikipedia.org/wiki/Desert_Dolphin_Skatepark) Acessado em 26 janeiro 2023.

<sup>7</sup> Endereço para acessar a página do Instagram @desertdolphinskatepark. Na página é possível encontrar, em inglês, mais informações e atualizações sobre a pista.

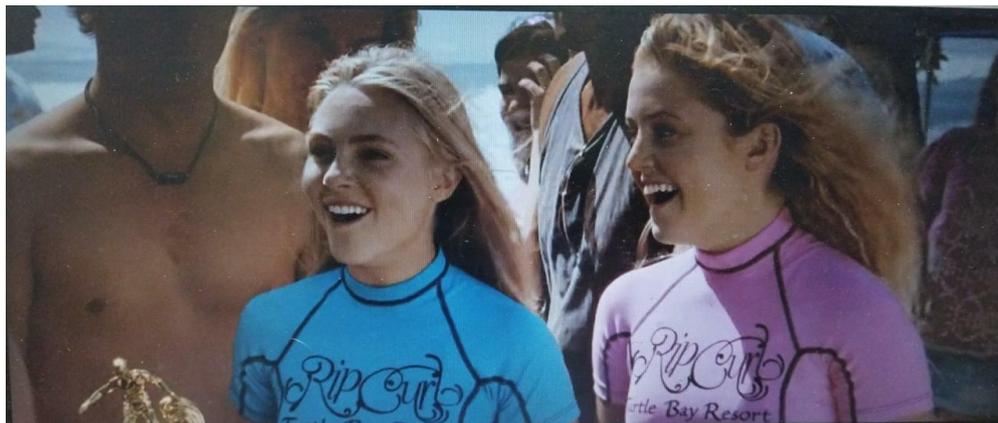
**Figura 23:** Rede social Desert Dolphin Skatepark



Fonte: Instagram @desertdolphinskatepark  
 acessado em: 22 de dezembro de 2022

Do mesmo modo que destacamos cenas com o intuito de ressaltar a importância da segurança na prática do *skate* e como os fatores econômicos podem ser imprescindíveis para a garantia da integridade física dos praticantes, o filme “Soul surfer- coragem de viver”, também apresenta cenas que envolvem os equipamentos de segurança, os cuidados com o corpo e como as questões econômicas podem atravessar as práticas corporais de aventura. Bethany e sua Amiga Alana são ótimas atletas e devido ao bom resultado que ambas atingem nas competições, ganham patrocínio da empresa *Rip Curl*, do ramo de material para surfistas. Na figura a seguir, a cena 21, representa o momento de alegria das amigas ao saberem que seriam patrocinadas por uma marca tão importante no ramo de surfistas.

**Figura 24:** Momento de alegria das atletas ao serem informadas sobre o patrocínio



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 11:38 Netflix

Porém, o acidente com um tubarão causou uma grande reviravolta na vida de Bethany, a fez perder um dos braços, deixando-a entre a vida e a morte. Em um senso de coletividade os amigos a ajudam a sair da água, essa situação representa na prática que os laços de amizade geram um sentimento de humanidade e solidariedade para salvar a colega, o que remete a educação humanizada defendida por Freire (2000).

A partir das relações do homem com a realidade resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 2000, p. 51)

Entendemos que a humanização faz parte da educação escolar, impulsionando a sensibilidade, o trabalho em equipe e aprendizado mútuo, conforme afirma Silva (2011, p. 18), “[...] é claro que não tenho a pretensão de mudar o contexto da educação, do mundo, da formação, nem mesmo criar o (a) professor (a) ideal, mas tenho a esperança de que a mudança é possível”. A educação passa a ser solidária e passa a contar com novas formas de aprendizado, que não se limitam a conteúdos e formas tradicionais, mas que envolve o ambiente que o discente está inserido. Nesse sentido, há espaço para inovação e criatividade, em uma formação cada vez mais humana e menos técnica, que priorize a formação integral dos estudantes.

Por sorte, e com a ajuda dos colegas, a surfista sobrevive ao acidente, demonstrando uma estreita relação com a natureza, como por exemplo, na cena 22, que após o acidente, Bethany vê uma luz no final do túnel, quando foi atendida no hospital, representando que

aquele não era o fim, mas existiria uma saída para a situação que ela estava vivendo, que consiste na readaptação de seus movimentos e continuidade da prática do surfe.

**Figura 25:** Bethany vê uma luz no final do túnel, após acidente



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 28:30 Netflix

Contudo, um acidente tão grave é passível de deixar sequelas e perdas na vida dos acidentados. Um dos grandes impactos que Bethany sofreu, foi retratado na cena 23, na qual a empresa patrocinadora *Rip Curl* decide realizar as fotos para a propaganda da marca apenas com Alana, deixando a protagonista fora da sessão de fotos. Bethany observa atentamente e torce muito pelo sucesso da amiga, porém, fica perceptível o grande impacto sofrido pela atleta em não poder participar. Essa cena nos faz refletir sobre como as marcas muitas vezes escolhem as mulheres e homens vistos como padrão para darem seus patrocínios, e excluem de suas ações qualquer pessoa que saia do padrão, como negros, gordos, baixos, LGBTQIAP+ ou mesmo pessoas com deficiência, que é o caso do filme, enfatizando assim, a mercantilização do esporte, que prioriza a estética do corpo em busca de maior lucratividade.

No caso específico das pessoas com deficiência, Rosario, Dias e Pereira (2020) afirmam que aproximadamente 15% da população mundial possui algum tipo de deficiência, o que corresponde por volta de um bilhão de pessoas. Não podemos negar a existência dessas pessoas, e o trabalho de inclusão nas práticas esportivas não pode ser negligenciado. Os autores salientam que existem benefícios físicos, psicológicos e sociais o que conduz ao aumento da qualidade de vida dos envolvidos. “O Surf Adaptado pode contribuir para os aspectos biopsicossociais dos seus praticantes tornando-se uma prática bastante benéfica [...]. Além disso, pode promover a independência do público com deficiência, buscada de forma tão árdua historicamente.” (ROSARIO. DIAS PEREIRA. 2020, p. 326). Porém, infelizmente,

apesar do crescente número de pessoas com deficiência praticando, a exemplo do *parasurfe* e o *surfe* adaptado, ainda há exclusão das pessoas com deficiência, conforme imagem abaixo, que ilustra o momento que Bethany foi excluída da sessão de fotos do patrocinador, participando da sessão, apenas sua amiga.

**Figura 26:** Alana faz fotos para a Rip Curl



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 47:18 Netflix

Na cena 24, ilustrada na imagem 27, Bethany volta ao mar pela primeira vez após o acidente e sente dificuldade em se equilibrar na prancha, que não tinha nenhuma adaptação, não ajudou a surfista na sua volta à água. Após análise dos movimentos da atleta, o pai começa a observar as dificuldades que a filha enfrenta. Ele percebe que com a perda de um dos braços, Bethany deveria buscar um novo equilíbrio, colocando a mão no meio da prancha e não mais nas laterais, conforme fazem os atletas que possuem os dois braços, buscando assim um novo equilíbrio do peso do corpo sobre a prancha.

Assim, é preciso que se entenda que a prática necessitará de uma adaptação para ser realizada, o qual podemos chamar de *surfe* adaptado: “O Surf Adaptado é uma adaptação do Surf convencional, com intuito de proporcionar à pessoa com deficiência- PCD, experiência similar à prática convencional do esporte” (ROSARIO, DIAS; PEREIRA, 2020, p. 320). Para atletas que visam a competição, como é o caso de Bethany no filme, os autores chamam a modalidade de *parasurf*, “o Surf Adaptado seria a manifestação corporal de qualquer PCD por meio do Surf, enquanto o Parasurf seria a utilização dessa manifestação com fins competitivos” (ROSARIO, DIAS; PEREIRA, 2020, p. 328).

**Figura 27:** Bethany busca equilíbrio na prancha



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 50:45 Netflix

A protagonista do filme até tenta usar uma prótese para seu braço, porém, como a perda do membro foi quase completa, resta-lhe pouco movimento com a prótese, assim, ela decide não usar. Essa situação demonstra que cada pessoa possui suas necessidades, e nem sempre os paratletas se adaptarão a novos membros mecânicos, que nem sempre lhes dão a mobilidade desejada. Além disso, é necessário que o praticante tenha condições econômicas para a compra de uma prótese adequada para as competições, o que não será a realidade de boa parte da população.

O pai de Bethany se empenhou bastante buscando novas alternativas para a filha e fez um compilado de pranchas para que a filha pudesse experimentar. Na cena 25 vemos equipamentos de prancha de vários tamanhos, para que a surfista vá experimentado e provando qual mais se encaixa as suas necessidades. Na figura a seguir, o pai apresenta os tipos de prancha que ela precisa ter domínio para encontrar o modelo específico para participar do campeonato regional.

**Figura 28:** Diferentes tipos de prancha



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 57:40 Netflix

Bethany não avança muito nos treinos e não consegue bons resultados nas provas, isso a fez querer se afastar das águas e realizar uma viagem humanitária para cumprir uma antiga promessa de ajudar os que precisam. Após voltar da viagem, avisa ao pai que quer voltar a competir nos campeonatos de *surfe*, mas precisa fazer adaptações na prancha para que possa executar os movimentos necessários durante a realização da prática. Na cena 26, o pai já consciente da necessidade mostra a alça que colocou em sua prancha para que ela pudesse descer a prancha por baixa das ondas conseguindo superar a barreira inicial do mar.

**Figura 29:** O pai de faz adaptações na prancha de sua filha



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:20:00 Netflix

Além da própria prancha, equipamentos como as roupas também fazem parte da segurança dos atletas, podendo evitar a ocorrência de insolação, por exemplo. Além disso, na cena 27 vemos que no campeonato de *surfe* os competidores são identificados pelas cores das camisas e os patrocinadores usam disso para estampar suas marcas nas roupas dos surfistas, movimentando o mercado econômico. A tecnologia também é uma forte aliada para a proteção dos atletas. Nos últimos tempos há o desenvolvimento de vários dispositivos que visam afastar os tubarões dos surfistas. Embora não usado no filme, um deles é o *Shark Shield*, que atua causando desconforto aos tubarões por meio de campos elétricos.

O *Shark Shield* que aproveita o fato de que os tubarões têm órgãos sensoriais (pequenos poros) em torno de seus focinhos chamados ampolas de Lorenzini, o que lhes permite detectar presas por causa dos campos elétricos emitidos por elas, por mais fracos que sejam. Contudo, um campo elétrico artificial pode ser usado para confundir esses órgãos, causando desconforto nesses animais. Isso é o que promete o *Shark Shield*, ao gerar um campo entre dois eletrodos a partir de uma antena. A carga é produzida por um dispositivo usado no tornozelo do nadador. (PICKRELL, 2018, s/p)

Além de dispositivos eletrônicos, também são usadas barreiras químicas, que visam afastar o tubarão dos surfistas por meio de cheiros que lhes sejam incômodos: [...] “os Repelentes químicos que também foram criados e testados ao longo dos anos. [...] o produto imitaria o cheiro ‘de um tubarão em decomposição’. Pesquisas mostram que tubarões realmente se afastam de substâncias químicas produzidas por outros tubarões em decomposição” (PICKRELL, 2018, s/p). Porém, é preciso compreender que tais mecanismos podem falhar, não sendo 100% seguro, apesar de serem formas para preservar a vida e integridade física dos surfistas, as tecnologias e experimentações ainda podem evoluir, segundo Pickrell (2018), para evitar os ataques. Dessa forma, a medida que deve sempre prevalecer é a conscientização, para que os surfistas sigam as recomendações das autoridades e não surfem em locais com maiores riscos de ataques.

**Figura 30:** Identificação das competidoras de *surfe*



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 1:27:09 Netflix

Percebemos assim, que o risco é percebido na prática do *skate* e do *surfe*, mas é possível controlá-lo. Na prática do *skate* ocorre por meio da proteção e uso dos equipamentos de segurança, porém, infelizmente, para uma prática segura e adequada é preciso investimento tanto no equipamento, que consiste na prancha do *skate*, como também para a aquisição dos equipamentos de segurança e possibilidade de frequentar um local adequado. Dessa forma, os praticantes do *skate* possuirão mais segurança e só se preocuparão em realizar as desafiadoras manobras que a prática proporciona.

Já no *surfe*, os equipamentos são fundamentais tanto para a execução das manobras, como também para salvar a vida dos surfistas em caso de desmaios, por exemplo. Porém, percebemos que os acidentes podem acontecer, fato possível em qualquer prática de aventura. Por isso, a utilização dos equipamentos ajuda a minimizar os possíveis acidentes, conservando a integridade física de seus praticantes, tais quais os que afastem os tubarões com ondas sonoras ou pelo cheiro, sem esquecer a conscientização de realizar as práticas em locais adequados, que minimizem o risco a saúde dos envolvidos.

#### 5.4 O CINEMA NA SALA DE AULA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E QUESTÕES DE GÊNERO

O filme “Uma skatista radical” se passa na Índia, fato que proporciona uma possibilidade de trocas culturais com estudantes de todas as partes do mundo. De modo particular, a realidade da Vila com personagens pobres, remete a situações de insuficiência de recursos econômicos de muitas cidades brasileiras. Dessa forma, por mais que os estudantes

brasileiros não passem por uma situação semelhante, o filme contribui para acessar outras realidades existentes no mundo, por outro lado, se o público-alvo se vê no filme, é uma forma de incentivo para que os estudantes persistam em seus ideais, e não desistam de tentar.

Uma das questões culturais bastante forte no filme e de modo paralelo, muito presente na sociedade brasileira, são as formas de opressão machista, sofrida pelas personagens femininas da trama, sobretudo Prerna e Jéssica. No quadro abaixo, selecionamos seis cenas do filme ‘Uma skatista radical’ e duas do filme “Soul Surfe- coragem de viver”, que auxiliam na reflexão sobre as diferenças culturais encontradas na obra, focando principalmente nas questões de gênero.

**Quadro 5:** Manifestações culturais e questões de gênero nos filmes analisados

<b>Filme</b>	<b>Cena</b>	<b>Resumo da cena</b>
Uma Skatista Radical	Cena 28 (início 40:03)	As crianças começam a andar de <i>skate</i> pela cidade o que incomoda os moradores locais.
	Cena 29 (início 43:50)	As crianças decidem fazer um protesto e se manifestarem contra a proibição do uso do <i>skate</i> . Jessica resolve intervir e procura a delegacia e as autoridades do local, que relatam que os prejuízos naquela comunidade estão sendo trazido através do <i>skate</i> .
	Cena 30 (início 54:00)	Jéssica recorre à rainha chamada Maharani em busca de apoio ao seu projeto da pista.
	Cena 31 (início 30:21)	O pai de Prerna a flagra treinando <i>skate</i> e pergunta por que ela está brincando com ‘coisas de meninos’ e a manda cozinhar lentilhas.
	Cena 32 (início 1:18:25)	O pai de Prerna decide que ela tem que se casar, enquanto queima o seu <i>skate</i> .
	Cena 33 (início 1:37:07)	Prerna foge de seu casamento para que possa participar do campeonato organizado pelos políticos da cidade.
Soul surfer- coragem	Cena 34 (início 08:12)	Retrata uma competição de surfe, ilustrando o envolvimento da população no evento, com ampla participação

de viver	Cena 35 (início 6:20).	Enquanto os pais de Bethany estão surfando e ela e irmãos pontuam o desempenho dos pais no <i>surfe</i> .
----------	------------------------	---

Fonte: elaboração própria, (2023).

As duas primeiras cenas escolhidas para serem analisadas nesta subseção ilustram as diferenças culturais entre Jéssica e a Vila de Khempur, localizada no norte da Índia, que abriga o cenário do filme. A Vila é carregada de traços culturais que priorizam o serviço doméstico para as mulheres, já Jéssica, é uma jovem sonhadora que está acostumada a lutar livremente pelos seus ideais. Na cena 28, as crianças começam a andar de *skate* pela cidade o que incomoda os moradores locais.

**Figura 31:** As crianças praticam skate pelas ruas



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 40:03 Netflix

Empolgados com o novo equipamento, as crianças começam a andar de *skate* em grupos pelas ruas, em qualquer lugar, incomodando os moradores locais. Essa cena ajuda na reflexão sobre a importância da existência de uma infraestrutura adequada para a execução das práticas. Além disso, as crianças do filme já não querem frequentar a escola. Na sequência os líderes da cidade decidem proibir o uso de *skate*, já que as crianças não querem frequentar a escola nem fazer outra atividade, além do *skate*. Assim, decidem proibir o uso do *skate* pela cidade.

A partir da proibição, as crianças decidem fazer um protesto e se manifestarem contra a proibição do uso do *skate*. O protesto foi inspirado nas aulas em que os estudantes

tiveram na escola acerca de Mahatma Ghandi<sup>8</sup>, assim, elas decidem fazer um protesto. Esse fato é bastante ilustrativo sobre como os conhecimentos escolares podem contribuir com a cidadania dos estudantes, ajudando-os a conhecer e lutar pelos seus direitos. Jessica resolve intervir e procura a delegacia e as autoridades do local, que relatam que os prejuízos naquela comunidade estão sendo trazido através do *skate*, neste momento, questões de gênero vem à tona, quando lhe é exigido o cartão de permissão no país, ilustrado na cena 29, a seguir.

**Figura 32:** Jéssica é questionada sobre a legalidade de sua estadia



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 43:50 Netflix

Jessica é questionada sobre sua liberdade, principalmente por ser mulher e estar tentando modificar a realidade local. Assim, a produção levanta a realidade de muitos países, nos quais as mulheres não são livres e dependem da autorização de seus maridos ou pais para circular. Tal reflexão contempla a prática pedagógica da liberdade, que preconiza que a educação nos ajuda a se libertar das amarras sociais.

De acordo com Frigotto e Ciavatta (2011) tais amarras, tal qual o machismo e o racismo, não ocorrem de forma aleatória, pois fazem parte da constituição das ex-colônias da Europa, especificamente as que fazem parte do sul global, nosso caso, a América Latina. Infelizmente o processo de colonização não ficou apenas no passado, e até hoje há “traços

---

<sup>8</sup> Mahatma Gandhi (1869-1948) foi um líder pacifista indiano. Principal personalidade da independência da Índia, então colônia britânica. Ganhou destaque na luta contra os ingleses por meio de seu projeto de não violência. [...] As rivalidades entre hindus e muçulmanos retardaram o processo de independência. Com o início da Segunda Guerra Mundial, Gandhi voltou a lutar pela retirada imediata dos britânicos do seu país. Só em 1947 os ingleses reconheceram a independência da Índia. Para mais detalhes, acessar: [https://www.ebiografia.com/mahatma\\_ghandi/](https://www.ebiografia.com/mahatma_ghandi/) Acesso em 03 abril 2023

marcantes da herança colonizadora e escravocrata” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2011, p. 618). A escola, de um modo geral, e a educação física de um modo particular, podem contribuir para uma educação antimachista e antirracista, propondo debates e reflexões acerca do assunto.

Como forma de driblar o machismo, na cena 30 Jéssica recorre a uma senhora influente da região, a rainha chamada Maharani, e fala sobre seus planos de construção de uma pista de *skate*, já que nenhum político homem deu importância a seu projeto. O principal argumento de Jéssica era que nenhum homem daria importância ao seu trabalho, principalmente porque o projeto da pista era liderado por ela. A senhora Maharani escuta atentamente os planos de Jéssica e após uma reflexão reafirma que nenhum homem daria importante a seu projeto, principalmente por ser de uma mulher. Maharani se sensibiliza com os ideais de Jéssica e resolve doar o terreno para a construção da pista.

**Figura 33:** Jéssica conversa com Maharani



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 54:00 Netflix

A cena ilustra a força da união feminina, que muitas vezes são menosprezadas por homens, e não tem a oportunidade de tocar seus projetos e sonhos. Dessa forma, apenas outra mulher, com a sensibilidade de visão de futuro para as crianças da comunidade, abraça o projeto e resolve financiá-lo. Assim, percebemos que mesmo mulheres que não venham de uma classe social tão baixa, que é o caso de Jéssica, podem sofrer as mais diversas formas de opressão machista.

Dessa forma, não apenas Jéssica sofre com o machismo da região. Além de superar barreiras econômicas para a prática do *skate*, Perna também enfrenta várias formas de

opressão, por conta de seu gênero, que partem de seu pai. Na cena 31, aqui analisada, o pai de Prerna a flagra treinando *skate* e pergunta o porquê de ela estar brincando com ‘coisas de meninos’ e na sequência a manda cozinhar lentilhas.

**Figura 34:** Isso é “coisa de menino”



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 30:21 Netflix

Essa cena ilustra o machismo existente na região. É possível levantar questionamentos sobre o sexismo que envolve a prática dos esportes, principalmente se existe esportes que são específicos para cada sexo. Além disso, é possível refletir sobre o papel da mulher na sociedade, uma vez que o pai de Prerna a manda cozinhar lentilhas ao invés de treinar as práticas fundamentais do *skate*. Assim, percebemos como para a mulher são delegadas as funções da casa, quanto os homens seguem atuando nos diversos setores sociais, apenas por serem homens.

Cada vez mais que Prerna vai se aperfeiçoando na prática do *skate*, mas seu pai começa a ficar incomodado com essa prática e vai tirar satisfação com a menina sobre ela ter quebrado o pé, além disso, questiona a filha sobre ela estar andando de skate “como homem” e não ajudar nas tarefas domésticas. Assim, decide que ela teria que se casar fato ilustrado na cena 32, que apresenta imagens chocantes em que o pai coloca fogo no *skate* da filha.

Infelizmente a ilustração apresentada na figura 35, evidencia o machismo que ainda vivemos no meio esportivo. Tomando o futebol como exemplo, um esporte muito popular no Brasil, atletas não recebem o mesmo salário, por conta do sexo biológico. Apesar de desempenharem a mesma função, o salário das mulheres ainda é bem mais baixo do que o dos homens. Teixeira (2019) realiza uma pesquisa comparando os salários dos jogadores e jogadoras de futebol a partir do gênero. Segundo o estudo, entre 2013 e 2019, cerca de 3 mil

jogadores brasileiros possuíam altos salários, ou seja, acima de 20 salários-mínimos, enquanto apenas 30 jogadoras recebiam esse quantitativo.

Além do salário, falta prestígio social, patrocínio, visibilidade e incentivo. Neste cenário, muitas mulheres são inferiorizadas, pelo simples fato de ser mulher, visto que se estivessem em uma seleção masculina, com o mesmo desempenho no esporte, a valorização seria outra.

**Figura 35:** Prerna deve casar-se



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 1:18:25 Netflix

A cena ilustra mais uma vez o machismo, na medida em que a solução para os problemas que o pai encontra para a filha é o casamento. A decisão ainda vem com uma violência patrimonial, com a ação do pai de queimar o skate da filha. Dessa forma, Prerna não pode escolher o seu destino, pois está fadada a ter que viver em um casamento arranjado pelos seus pais para que ela não praticasse mais o skate. Todos os sonhos e esforços de Prerna seriam desfeitos com o casamento.

Situação semelhante à vivida por Prerna, passam as desportistas na contemporaneidade, a todo momento suas habilidades são postas em prova, e quando há alguma falha, logo são mandadas irem realizar tarefas domésticas, como forma de ofensa e rebaixamento. Grande parte dessa situação, pode ser potencializada pela mídia, quando prioriza a transmissão de campeonatos masculinos, conforme afirma Teixeira (2019, p. 33): “Falta apoio de patrocinadores e da mídia, tanto para angariar fundos, quanto para aumentar o número de transmissões e divulgar o futebol feminino”. Uma iniciativa pioneira da TV

Globo<sup>9</sup>, maior emissora de TV aberta do país, pode começar a diminuir as diferenças entre o futebol feminino e masculino. Para 2023, a Globo fechou com a Confederação Brasileira de Futebol - CBF a transmissão dos principais campeonatos femininos do país. Enquanto isso, as atletas não recebem valorização financeira, nem reconhecimento da população.

**Figura 36:** Perna foge do casamento



Fonte: Filme “Uma skatista Radical”, min: 1:37:07 Netflix

A cena 33 escolhida é forte e emocionante, Perna foge de seu casamento pelo telhado de sua casa para competir no Campeonato de *skate*, mostrando para a sua família o quanto é feliz e apaixonada naquilo que pratica. Ela tem o apoio do irmão, que lhe empresta o skate e a roupa, além disso, consegue uma carona no meio do caminho com Maharani. Uma cena incrível de quebra de padrões e faz Perna encontrar sua liberdade para realizar o que deseja.

A personagem Jessica também apresenta uma forma feminina significativa e que faz toda diferença na história. Ela que se caracteriza como uma mulher mais livre e independente mostra a quebra dos paradigmas existentes na Vila em que o enredo se desenvolve. Todo esforço que a personagem faz para ajudar as crianças da aldeia a terem um futuro e mostrar que elas têm o direito de se divertir e de sonhar é inspirador. Ela alavanca suas forças em suas raízes paternas, e não mede esforços para contribuir com uma possibilidade de futuro diferente para as crianças locais. Pensando no contexto tanto indiano, vivido no filme, quanto no brasileiro, país em que este trabalho foi elaborado, consideramos que muitas mulheres não

<sup>9</sup> Mais detalhes em: <https://ge.globo.com/negocios-do-esporte/noticia/globo-fecha-acordo-para-transmitir-principais-torneios-de-futebol-feminino-do-brasil.ghtml> Acesso em 25 abril 2022.

conseguem a superação vivida tanto por Jéssica, quanto por Prerna, e tem seus sonhos ceifados de seguir em alguma prática de aventura.

Ao contrário do filme “Uma skatista Radical”, no filme “*Soul Surfer- coragem de viver*”, a prática já faz parte da cultura local, impulsionando grandes eventos que envolvem boa parte da população, conforme podemos observar na cena 34, a qual retrata uma competição de *surfe*, ilustrando o envolvimento da população no evento, com ampla participação, conforme figura a seguir.

**Figura 37:** Competição de *surfe* e participação da população local



Fonte: Filme “*Soul Surfer- coragem de viver*”, min: 8:12 Netflix

Como a prática é bem aceita pela população, as questões de gênero presentes no filme “*Soul Surfe*” são mais veladas, ressaltando como a desigualdade de gênero está presente em nosso cotidiano e por vezes nem percebemos. Apesar da história central focar em uma personagem feminina como protagonista e vencedora da prática corporal, logo no início do filme, podemos perceber uma manifestação machista na cena 35, enquanto os pais de Bethany estão surfando, ela e irmãos pontuam o desempenho dos pais no *surfe*. Com plaquinhas nas mãos, eles vão dando pontuação para cada movimento executado. Depois de uma manobra da mãe, os meninos dão nota baixa para a mãe, que os questionam o motivo da nota baixa. O pai, em uma verbalização do sentimento de superioridade masculina afirma: “nada mal para uma garota”.

**Figura 38:** Bethany e os irmãos pontuam o desempenho de seus pais no surfe



Fonte: Filme “Soul Surfer- coragem de viver”, min: 6:20 Netflix

Mesmo em uma família que apoia a prática corporal e incentiva o esporte pela filha, podemos ver que o machismo se manifesta nessa cena, revelando como está impregnado em nossa sociedade. Enfatizamos assim, a superação que constantemente a mulher tem que enfrentar em sua vida. No filme, mesmo com o machismo estruturante, condições culturais, sociais e econômicas que não favoreciam o desfecho das personagens, elas superaram e agiram de forma autônoma contra as tradições. Dessa maneira, as diferenças culturais presentes no filme, podem contribuir de maneira significativa para a reflexão de nossa sociedade, como também para as formas de machismos existentes em nosso país, seja explícitas ou formas veladas e silenciosas que oprimem e matam milhares de mulheres a cada ano.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral *analisar como as práticas corporais de aventura, por meio do cinema, potencializam a educação escolar*. Para isso, analisamos os filmes selecionados, buscando evidenciar as possibilidades educativas que apontem as práticas corporais de aventura do *surfe* e do *skate* presente nos filmes. Dessa forma, destacamos que os filmes contemplam e educação escolar, na medida em que relacionam a prática de aventura a um contexto específico, fato que gera várias tensões e reflexões sobre a vida social. Os filmes selecionados evidenciaram as possibilidades educativas/formativa envolvendo o *surfe* e o *skate* e proporcionaram várias tensões e reflexões sobre a vida social para além de uma dimensão local.

No caso do filme “Uma Skatista Radical”, vimos Prerna, a protagonista, lutar contra o preconceito social para poder exercitar a prática do *skate*. Ela teve que lutar contra sua própria família para poder se dedicar à prática do *skate*. Já no filme “*Soul Surfer*- coragem de viver” Bethany é filha de surfistas e a prática está em suas veias. Cresceu no mar e já sabia que queria ser surfista profissional, porém, um acidente a fez ter que reaprender a surfar. Apesar de ter o apoio de seus pais, Bethany passou por várias lutas para conseguir se readaptar. Dessa forma, os filmes trazem lições preciosas para a formação escolar dos possíveis discentes que venham a ter contato com as produções.

Durante a escrita deste trabalho buscamos também *analisar o uso dos equipamentos de segurança para a realização das práticas do surfe e do skate*. Percebemos que os equipamentos de segurança estão intimamente relacionados com as condições financeiras que o praticante possui para sua aquisição, além disso, constatamos que as obras cinematográficas estimulam seu uso, o que confere mais segurança e responsabilidade para os praticantes.

O risco é percebido na realização as duas práticas, porém, é possível controlá-los para evitar acidentes. No *skate*, o uso da prancha associado com capacete, joelheira, cotoveleira e utilização de pista adequada fizeram com que os personagens se sentissem mais seguros para a realização da prática. No *surfe* a prancha, além de ser o principal instrumento do surfista, serve de salva vidas em caso de queda e afogamento. As camisas e o protetor solar, protegem o esportista de uma insolação, além de equipamentos que possam repelir os tubarões por sensores que emitem cheiro ou ruídos. Assim, cria-se a consciência nos discentes sobre a importância do uso dos equipamentos de segurança e como eles estão relacionados

também à possibilidade de compra dos envolvidos na prática. Além disso, busca-se a conscientização sobre a realização das práticas em locais seguros.

Nosso trabalho se ocupou também em *analisar quais os movimentos fundamentais dos esportes realizados pelos praticantes do surfe e do skate nos filmes selecionados*. A partir deste objetivo, foi possível uma análise sobre a execução do movimento e as intervenções externas, seja da falta de equipamentos adequados, ou de sentimentos, como medo e insegurança podem afetar o desenvolvimento dos movimentos. Dessa maneira, não basta apenas conhecer o movimento, é preciso levar em consideração, fatores que envolvem mais que o binarismo corpo e mente, mas que também são influenciadas por sistemas sociais e da natureza.

A superação pessoal e o domínio das práticas fizeram das protagonistas dos filmes vitoriosas em seus objetivos, porém, elas não conseguiram sozinhas. Prerna teve a ajuda fundamental de Jéssica e Erick. Já Bethany contou com uma extensa rede de apoio, na qual os pilares foram seus pais. O respeito à natureza e insistência na aprendizagem, ou reaprendizagem das práticas tornam as histórias ainda mais especiais, na medida em que há superação em ambos os casos.

Por fim, buscamos compreender como as relações sociais, econômicas e culturais interferem ou não nas práticas corporais apresentadas nos enredos dos filmes. Atingimos esse objetivo, na medida em que trouxemos a reflexão sobre as questões de gênero que envolvem as tramas, como também a força feminina que fez as personagens superarem barreiras e conquistar seus ideais.

As protagonistas são mulheres fortes que enfrentaram situações adversas. Destaco a luta contra o machismo sofrido por Jéssica e Prerna no filme “Uma Skatista Radical”. Elas lutam também contra todo um sistema para conseguirem a implementação da pista de skate e prática do esporte. Já Bethany enfrenta a perda do patrocínio, que resolve apenas fotografar sua amiga, que não possui deficiência.

Ressaltamos que buscamos qualidade na análise propostas e não nos atentamos aos aspectos quantitativos das cenas que foram coletadas. Essa foi uma grande dificuldade, pois o desejo era selecionar mais cenas e mais tópicos de análise para os filmes, porém, é preciso focar e buscar respostas para as perguntas planteadas no início do trabalho.

Sendo assim, apontamos novos caminhos de continuidade para este trabalho, com a implementação dos filmes nas escolas, para que se possa verificar na prática os reais impactos das reflexões apresentadas. Além disso, em trabalhos futuros é possível que haja uma comparação entre as realidades dos alunos participantes com as realidades dos filmes

apresentados. Com isso, esta dissertação abre caminhos para que sejam realizadas novas experimentações acerca das considerações aqui traçadas.

Por fim, ressaltamos que a construção deste trabalho levantou reflexões sobre uma educação humanizada que possibilite que o estudante da escola pública principalmente tenha acesso aos mais variados conhecimentos que possibilite a ampliação do pensamento crítico, no qual o estudante possa se conhecer melhor e experimentar novas formas de ser e estar no mundo.

## 7. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

ARAGÃO, Paula. **Lazer sobre rodas no cartão postal: identidades e socialização no skatepark em Aracaju/SE**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

ARMBRUST, Igor; LAURO, Flávio Antônio Ascânio. O Skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.799-807, jul./set. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p799> acesso em 26 de março de 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BÁRTOLO, José. **Corpo e sentido: estudos intersemióticos**. Portugal/Covilhã: Livros LabCom, 2007.

BASTOS, Keila Aparecida Pereira; PEREIRA Kleiton Carlos. **Surfe da prática corporal ao esporte**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Educação Física – Bacharelado. Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a distância e inovação tecnológica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 3 n. 1, p. 187-198, 2005

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, ano I, n.I, 2002.

BONORA, Danilo Cristiano. **Possibilidades pedagógicas das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física da rede municipal de ensino de Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. Centro de desportos e saúde. UFSC. 53p. 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 867/2015**. Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido". Brasília: Câmara dos Deputados, 2015.

BRITO, Thiago. Marx e **Lukács: a relação sociedade e natureza**. In: CEMARX. 6º colóquio internacional Marx e Engels. Unicamp: 2009. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2009/trabalhos/marx-elukacs-a-relacao-sociedade-e-natureza.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/marx-elukacs-a-relacao-sociedade-e-natureza.pdf). Acesso em: 16 de ago. 2019.

CARVALHO, Yara Maria de. Educação Física e Filosofia. In: CARVALHO, Y. M. & RUBIO, K. **Educação Física e Ciências Humanas**. Campinas: HUCITEC, 2001.

CASTRO, Jeimis Nogueira de; VARGAS, Eliane Portes; PRADO, Shirley Donizete; FERREIRA, Francisco Romão. Corpo, identidade e mediações culturais: o uso do cinema no ensino. Revista **Ensino, Saúde e Ambiente** – V13 (1), pp. 243-257, Abr. 2020

CAUPER, Dayse Alisson Camara. **O ensino do esporte orientação na escola: possibilidades e limites de uma proposta à luz da metodologia crítico superadora**. Goiânia, 2018.

SOARES, Carmen, [et al.],. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez 2012.

COSTA, Jonatas Maia; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cinema e educação física: uma experiência pedagógica no ensino médio. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 37-48, set. 2019.

COUTINHO, Laura Maria. **Diálogos Cinema-Escola**. Série TV-ESCOLA - Ministério da Educação e Cultura, 2002.

CRISORIO, Ricardo. Actividad(es) física(s) versus prácticas corporales. In: GALAK, Eduardo; GAMBAROTTA, Emiliano. (Orgs). **Cuerpo, Educación, Política: tensiones epistémicas, históricas y prácticas**. Buenos Aires: Biblos, 2015. p. 21-39.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Esporte e cinema: possibilidades pedagógicas para a educação física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 3, n. 2, p. 67-78, set. 2012.

DARIDO, Suraya Cristina. [et al.]. **Práticas corporais: educação física, 6o a 9o anos**. Manual do professor – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2018.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. Rio De Janeiro: Guanabara Koongan, 2011.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DENCKER, Ada Freitas Maneti. Pesquisa empírica: base para a construção do conhecimento científico. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Monica. Novo olhar sobre a mídia-educação. In: 28a. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. **Anais da 28a. Reunião Anual da ANPED, 2005**.

FANTIN, Monica. Mídia-Educação e Cinema na Escola. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação no ensino e o currículo como prática cultural**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 2, p. 437-452, maio/ago. 2012.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Tradução de Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo – SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 50º. ed. São Paulo: Editora Cortez. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA; Maria. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível médio: avanços e entraves nas suas modalidades. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 619-638, jul.-set. 2011

GALAK, Eduardo Lautaro. Técnicas corporales y cinematográficas en el cine informativo documental. Cultura física y formación de las subjetividades en “sucesos argentinos”. **História da Educação** [online]. v. 26. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Corpo e gênero: a revista capricho e a produção de corpos femininos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 13, n. 19, p. 01-13, dez. 2002.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. , v. 38, n. 4. 2016.

INÁCIO, Humberto Luís Deus. Bastidores das práticas corporais de aventura na natureza. *In: SILVA, Ana. Márcia; DAMIANI, Iara Regina. (Org.). Práticas corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, v. 3, 2005, p. 69-87.*

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

LUCENA, Ricardo F; SOUSA, Elimar. M. N. Civilização e meio ambiente: notas iniciais. Anais do XII **Simpósio Internacional processo civilizador**. Recife, novembro de 2009. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/mesas\\_redondas/MR\\_Lucena.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Lucena.pdf) acesso em 11 jun. 2019.

LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E.D.A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MAIA, Fabiana Britto de Azevedo. **O significado das emoções nas experiências satisfatórias do consumidor de serviços extremos: uma investigação no turismo de aventura**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Administração). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MANEA, Gilberto Caetano. **Imagens do êxtase: relações sócio-técnicas entre o audiovisual e os esportes de ação e aventura na natureza**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Cinema e Narrativas Sociais). – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia** 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MEZZARROBA, Cristiano; DANTAS JUNIOR, Hamilcar; ZOBOLI, Fabio; SILVA, FIGUEIREDO, Priscila Kelly. Pensadores sociais e o esporte no cinema: contribuindo com a ampliação do repertório cultural na educação física. **Novos Olhares Sociais**, v. 3, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/509>. Acesso em 11 jun. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. **A Educação pelo cinema**. Educação e Cinema, Campinas, 2006. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/olho/publicações.html>. Acesso em: 03 de agosto de 2022.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e educação**, São Paulo, v. 1, nº 2, p. 27-35, jan./abr. 1995.

MORRONE, Maria Lucia. **Cinema e educação (1920-1945):** a participação da "imagem em movimento" nas diretrizes da educação nacional e nas práticas pedagógicas escolares. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. São Paulo, 1997

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa - características usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, v.1, n.3, São Paulo, p. 2, 1996.

OLIVEIRA, D.C., Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Tabatha. **Crítica:** Uma Skatista Radical. 2021. Disponível em: <https://estacaonerd.com/critica-uma-skatista-radical/>. Acesso em: 08 de Jan. 2022.

PICKRELL. John. A tecnologia pode nos salvar de um ataque de tubarão? **BBC Future**. 15 março 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-43345776>. Acesso em 27 de março de 2023.

RAMOS, Maria Aparecida Marinho; ARAÚJO, Rosiane Dias de; SOUZA, Ana Carmita Bezerra. **Cinema e educação:** reflexões teórico-metodológicas e didáticas. IV FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA. Campina Grande: Realize, 2012.

ROCHA, Liana Lima; SILVA, Maria Eleni Henrique da. Surfando para a vida: um estudo sobre o papel do surfe como prática pedagógica libertadora. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, jan./jun. 2018

ROCHA-PINTO, Sandra Regina; FREITAS, Angilberto Sabino.; MAISONNAVE, Paulo Roberto. Métodos interpretativistas em Administração: as implicações para o(a) pesquisador(a). In: XXXII ENANPAD, **Anais...**, Rio de Janeiro, 2008.

ROSARIO, Miguel Longo Vieira Vidal do; DIAS, Elionai Ribeiro Almeida; PEREIRA, Bruna Nogueira. Surf adaptado e parasurf: uma revisão integrativa. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, Marília, v.22 n.2, p. 317-332, jul./dez., 2020.

SANTOS, Karine dos Anjos. **Práticas corporais de aventura:** uma proposta para a educação física escolar. 95 f. Monografia- Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Educação Física. São Cristóvão. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. 11 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2012.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social In: SILVA, Ana Márcia.; DAMIANI, Iara Regina. **Práticas corporais:** Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física. v. 01, Florianópolis/SC, Nauembla Ciência & Arte. 2005a.

SILVA, Ana Márcia.; DAMIANI, Iara Regina. As práticas corporais e os elementos do processo metodológicos da Pesquisa Integrada. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.) **Práticas corporais: Trilhando e compar(trilhando) as ações em Educação Física**. v. 02, Florianópolis: SC, Nauemblu Ciência & Arte, 2005b.

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís e RODRIGUES JR, José Carlos. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**, n. 48. 2008.

SILVA, Cybele Câmara da. **Práticas corporais de aventura nos anos iniciais: a organização e a sistematização curricular nas aulas de Educação Física**. 2020. 179f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29609/1/Praticascorporaisaventura\\_Silva\\_2020.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29609/1/Praticascorporaisaventura_Silva_2020.pdf). Acesso em: 02 set. 2021.

SILVA, Maria Eleni Henrique da. **A formação permanente relacional na educação física escolar**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Monara Santos. **As questões de gênero sob as lentes do cinema: uma análise a partir do filme "Hoje eu quero voltar sozinho"**. 2017. 92 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

Soul surfer: coragem de viver. Direção: Sean McNamara. Produção: David Zelon. Estados Unidos: Sony Pictures Releasing. 2011. Netflix.

TAHARA, Alexander Klein. **Práticas corporais de aventura: construção coletiva de um material didático digital** / 189 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2017.

TAHARA, Alexander Klein; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. **EFDesportes.com**, Buenos Aires, ano 08, n. 58, Março de 2003. Revista digital. Disponível em: <http://www.efdesportes.com/efd58/avent.htm> > Acesso em: 22 abril 2022.

TEIXEIRA, Maria Luiza Campos. **Futebol, questões de gênero e desigualdade salarial: uma análise descritiva para o Brasil**. 2019. 35 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, 2019.

TINÔCO. Rafael Gois; ARAÚJO. Allyson Carvalho. Cinema & educação física escolar: estado da (7ª) arte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 4, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/feef/article/view/42257/pdf>. Acessado em 16 mar.2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, Ribeiro Egberto *et al.* Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p. 17-27, jan. 2008.

UMA SKATISTA RADICAL. Direção: Manjari Makijany. Produção: Vinati Makijany. Índia: Netflix, 2021. Netflix.

VASCONCELLOS, Jorge. A Pedagogia da Imagem: Deleuze, Godard – ou como produzir um pensamento do cinema. **Revista Educação e Realidade**. 33(1) jan/jun 2008 p. 155-168.

VASCONCELOS, Carolina de Moura; MAGALHÃES, Carlos Henrique Ferreira; MARTINELLI, Telma Adriana Pacifico. A influência neoliberal nas políticas educacionais brasileiras: um olhar sobre a BNCC. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 58, p. 1-18, e10726, jul./set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n58.10726>. Acessado em 16 mar.2022.

VAYER, Pierre. **A criança diante do mundo**: na idade da aprendizagem escolar. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ZOBOLI, Fabio; ALMEIDA, Felipe Quintão; BORDAS, Miguel Angel García. Corpo e educação: algumas questões epistemológicas. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 9, n. 18, julho/dezembro de 2014.